

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

JAQUELINE FLORIA BAUMGAERTNER

A produção do espaço a partir dos megaeventos: desdobramentos da Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera-SP

Production of space based on mega events: 2014 FIFA World Cup unfolding in Itaquera-SP

São Paulo

2022

JAQUELINE FLORIA BAUMGAERTNER

A produção do espaço a partir dos megaeventos: desdobramentos da Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera-SP

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Rita
De Cássia Ariza da Cruz

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B348p BAUMGAERTNER, Jaqueline Flória
A produção do espaço a partir dos megaeventos:
desdobramentos da Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro
de Itaquerá-SP / Jaqueline Flória BAUMGAERTNER;
orientador Rita de Cássia Ariza da CRUZ - São Paulo,
2022.
95 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Copa do Mundo. 2. Neoliberalismo. 3. Itaquerá.
4. Produção do espaço. I. CRUZ, Rita de Cássia Ariza
da, orient. II. Título.

BAUMGAERTNER, Jaqueline Flória. **A produção do espaço a partir dos megaeventos:** desdobramentos da Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera-SP. 2022. 95 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho ao Orlando, que não poupou esforços para me ajudar a compreender Itaquera, e a todos os moradores que se propõem a pensar criticamente o lugar que vivem e produzem diariamente.

AGRADECIMENTOS

Em meio a tantas crises nos últimos cinco anos, este trabalho e os conhecimentos até aqui adquiridos não seriam possíveis sem as pessoas que me acolheram e me apoiaram em cada queda e em cada pequena vitória.

Agradeço imensamente à minha família, aos meus pais Antonio e Margareth, que sempre fizeram tudo o que podiam para que eu pudesse ter acesso à uma educação de qualidade e que me ensinaram o prazer da leitura e do conhecimento. Agradeço à minha irmã Mariana, minha cientista social favorita, por ter me levado pela primeira vez em uma sala de aula de uma universidade pública e me mostrando o quanto era gostoso ter aula na amada FFLCH. Ao Mateus, meu irmão caçula.

Ao Tadeu, pelo incentivo constante e por ter me mostrado desde cedo que a geografia é mais do que decorar as capitais dos países. Às melhores veteranas que eu poderia ter encontrado, Gabi e Karla, que me acolheram no IGc e me acompanharam até aqui, sem faltar um só dia. À equipe do Museu de Geociências da USP, Ideval, Miriam, Samara e Nathalia que tornaram meus dias mais leves e que me auxiliaram sempre que precisei. Um agradecimento especial à Miriam, que garantiu que eu seguisse meus sonhos independente do medo.

Aos queridos amigos e amigas que conheci no XIX Encontro Nacional de Geógrafos 2018, na Paraíba. Vocês certamente me mostraram facetas da geografia que eu nem imaginava e me inspiraram muito. Às minhas lindas companheiras de graduação Elisa, Fernanda, Maria Paula, Maria Fernanda, Júlia, Roberta e Beatriz. Obrigada por compartilharem tantos momentos de estudo e de felicidade comigo. Ao Lucas, que acompanhou grande parte dessa caminhada. Aos amigos que cruzaram meu caminho e me fizeram dar boas risadas, Bárbara, Lari, Stella, Ray, Serrinha, Amanda, Taís e Nidia.

À Dani, meu par de vaso, que me acompanhou em cada etapa deste trabalho e que me deu a mão e o apoio em tudo o que precisei. Ao Grupo de Estudos Regionais e do Turismo pelas discussões e reflexões, em especial à Isabella pelo apoio nesta fase final da graduação. Às minhas companheiras de casa, Lari e Júlia, obrigada por todas as risadas, carinhos e comidas gostosas.

À todos os professores e professoras do DG que me guiaram até aqui.

Em especial, à Profª Rita que me orientou neste trabalho e me acalmou em tantos momentos de ansiedade. Obrigada pela dedicação em garantir que eu pudesse me formar e fazer um trabalho sobre o que me despertasse interesse sincero.

“... não nos preparamos para vender o espaço, mas para desvendá-lo.”

Ana Fani A. Carlos

RESUMO

BAUMGAERTNER, Jaqueline Flória. **A produção do espaço a partir dos megaeventos:** desdobramentos da Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera-SP. 2022. 95 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil fez emergir uma série de estudos sobre produção do espaço e turismo e a participação dos megaeventos no planejamento urbano. O planejamento do espaço voltado para a realização da Copa do Mundo FIFA reorientou a prática social das cidades sedes e aprofundou as segregações já existentes. Assim, este trabalho volta-se à analisar o processo de constituição do espaço urbano ligado a megaeventos a partir do estudo de caso do bairro de Itaquera, São Paulo. A partir da perspectiva neoliberal do planejamento estratégico aplicado nas cidades, buscamos compreender a produção do espaço na cidade-sede São Paulo, do ponto de vista das decisões públicas e também da percepção da população local. Para isso, foram realizadas entrevistas com moradores de Itaquera. Por fim, o trabalho traz uma perspectiva crítica sobre a produção do espaço urbano, visando as demandas da população.

Palavras-chave: Copa do Mundo. Neoliberalismo. Produção do espaço. Itaquera.

ABSTRACT

BAUMGAERTNER, Jaqueline Flória. **Production of space based on mega events: 2014 FIFA World Cup unfolding in Itaquera-SP.** 2022. 95 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The 2014 FIFA World Cup in Brazil gave rise to a series of studies on the production of space and tourism and the participation of mega-events in urban planning. The planning of the space aimed at hosting the FIFA World Cup reoriented the social practice of the host cities and deepened the existing segregations. Thus, this work aims to analyze the process of constitution of urban space linked to mega-events from the case study of the neighborhood of Itaquera, São Paulo. From the neoliberal perspective of strategic planning applied in cities, we seek to understand the production of space in the host city, from the point of view of public decisions and also from the perception of the local population. For this, interviews were conducted with residents of Itaquera. Finally, the work brings a critical perspective on the production of urban space, aiming at the demands of the population.

Keywords: World Cup. Neoliberalism. Production of space. Itaquera.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 - OCUPAÇÃO EM ITAQUERA NO ANO DE 1970..... | 53 |
| FIGURA 2- OCUPAÇÃO EM ITAQUERA NO ANO DE 1980..... | 54 |
| FIGURA 3- OCUPAÇÃO EM ITAQUERA NO ANO DE 2003..... | 54 |
| FIGURA 4- OCUPAÇÃO EM ITAQUERA NO ANO DE 2007..... | 55 |
| FIGURA 5 - PLANO GERAL DO POLO INSTITUCIONAL ITAQUERA..... | 62 |
| FIGURA 6- NOVA CENTRALIDADE EM ITAQUERA | 63 |
| FIGURA 7- SISTEMA VIÁRIO: INTERVENÇÕES PROPOSTAS (2008) | 64 |
| FIGURA 8- PROPOSTA DO POLO INSTITUCIONAL ITAQUERA PARA A COPA 2014..... | 65 |
| FIGURA 9 - ESPAÇOS PÚBLICOS DO POLO INSTITUCIONAL ITAQUERA..... | 66 |
| FIGURA 10- MOSAICO DA CONSTRUÇÃO DA UPA ITAQUERA..... | 74 |
| FIGURA 11- CONSTRUÇÃO DAS PASSARELAS DE LIGAÇÃO ENTRE AS ESTAÇÕES DE METRÔ E O ESTÁDIO..... | 76 |

LISTA DE FOTOS

| | |
|--|----|
| FOTO 1 - MOSAICO DE FOTOS DA ENTRADA DO NEO QUÍMICA ARENA | 72 |
| FOTO 2 - PASSARELA QUE LIGA A ESTAÇÃO ARTUR ALVIM AO ESTÁDIO..... | 76 |
| FOTO 3 - VERTICALIZAÇÃO EM ITAQUERA..... | 77 |
| FOTO 4 - MOSAICO: NEO QUÍMICA ARENA (1) E CASAS RESIDENCIAIS (2 E 3) DO OUTRO LADO DA RADIAL LESTE..... | 79 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| QUADRO 1- DISCURSOS OFICIAIS EM TORNO DAS GRANDES INTERVENÇÕES NO ESPAÇO URBANO | 37 |
| QUADRO 2 - TIPOS DE LEGADOS ESPERADOS DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS | 69 |
| QUADRO 3 – SOBRE IMPACTOS | 70 |
| QUADRO 4- IMPRESSÕES DOS MORADORES ENTREVISTADOS SOBRE O MEGAEVENTO ESPORTIVO..... | 82 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 1 - DOMICÍLIOS DESPROVIDOS DE SERVIÇOS BÁSICOS EM ITAQUERA E NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO EM 1968..... | 48 |
| TABELA 2- DADOS DEMOGRÁFICOS DOS DISTRITOS PERTENCENTES À SUBPREFEITURA DE ITAQUERA | 56 |
| TABELA 3 - NÚMERO DE LANÇAMENTOS RESIDENCIAIS VERTICAIS | 77 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|---|----|
| MAPA 1- LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE ITAQUERA NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO..... | 47 |
| MAPA 2- LINHA 3 - VERMELHA DO METRÔ EM SÃO PAULO | 51 |
| MAPA 3- DIVISÃO ADMINISTRATIVA ATUAL DA ZONA LESTE DE SÃO PAULO | 57 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|--|
| ABC Paulista | Santo André, São Bernardo do Campo, e São Caetano do Sul |
| ANCOP Copa | Articulação Nacional dos Comitês Populares da |
| ATOUC | Assessoria Técnica de Operação Urbana |
| BNDES | Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social |
| COHAB | Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo |
| COL | Comitê Organizador Local |
| CPTM | Companhia Paulista de Trens Metropolitanos |
| EFCB | Estrada de Ferro Central do Brasil |
| EMBRAESP | Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio |
| ETEC | Escola Técnica |
| FATEC | Faculdade de Tecnologia |
| FIFA | Federação Internacional de Futebol ¹ |
| FII | Arena Fundo de Investimento Imobiliário |
| GPU | Grandes Projetos Urbanos |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| LGC | Lei Geral da Copa |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PMSP | Prefeitura Municipal de São Paulo |
| PPP | Parceria Público-Privado |
| SMDU | Secretaria Municipal de São Paulo |
| UPA | Unidade de Pronto-Atendimento |
| VG | Valor Geral de Vendas |
| ZL | Zona Leste |

¹ *Fédération Internationale de Football Association*

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 18 |
| 1 CAPÍTULO 01 A CIDADE ACOLHE O FUTEBOL: parâmetros neoliberais na realização de um megaevento esportivo | 24 |
| 1.1 As cidades e os megaeventos esportivos | 28 |
| 1.2 Copa do Mundo FIFA 2014 e as transformações no urbano brasileiro..... | 33 |
| 2 CAPÍTULO 2 UM MERGULHO NO ESTUDO DE CASO o distrito de Itaquera..... | 40 |
| 2.1 A questão urbana no Brasil e a cidade de São Paulo | 40 |
| 2.2 A produção do espaço urbano da Zona Leste de São Paulo..... | 44 |
| 2.2.1 O distrito de Itaquera | 46 |
| 3 CAPÍTULO 03 COPA DO MUNDO FIFA 2014 E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO DISTRITO DE ITAQUERA, SP. | 59 |
| 3.1 A realização da Copa do Mundo na Zona Leste de São Paulo | 59 |
| 3.2 A disputa pelo legado dos megaeventos esportivos em Itaquera | 68 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 86 |
| REFERÊNCIAS | 88 |
| ANEXO A – Formulário de entrevistas..... | 95 |

INTRODUÇÃO

A reprodução do capital e das relações sociais de produção no século XX fizeram emergir a noção de espaço enquanto lugar da reprodução, de modo que o mundo moderno se revela em uma determinação espacial, onde o espaço adquire centralidade sobre o tempo (CARLOS, 2020). Segundo Lefebvre (1991), o espaço é produto das relações sociais, sendo concomitantemente um produto social, uma construção mental e um meio de produção. O autor defende, em seus trabalhos, que a urbanização seria central, tanto para a sobrevivência do capitalismo, quanto destinada a tornar-se o foco decisivo das lutas políticas de classes. Neste sentido, a cidade moderna se transforma em mercadoria e as crises de acumulação do capital são resolvidas pela reprodução do espaço (CARLOS, 2020).

Entendemos, aqui, com base em Carlos (2002; 2005), o espaço como meio e condição para a reprodução da sociedade, não apenas da produção material, mas também cultural e simbólica. Dessa forma,

As contradições do espaço (...) advém do conteúdo prático e social e, especificamente, do conteúdo capitalista. Com efeito, o espaço da sociedade capitalista pretende-se racional, quando, na prática, é comercializado, despedaçado, vendido em parcelas. Assim, ele é simultaneamente global e pulverizado. (LEFEBVRE, 2008, p. 55)

Assim, compreender a reprodução do espaço exige que consideremos os diferentes momentos históricos e suas características específicas, no âmbito político, econômico e social. A cidade, enquanto expressão material desse processo é estruturada segundo os diferentes momentos de sua execução (MOLINA, 2013).

A partir da segunda metade do século XX, o turismo passa a ocupar um lugar importante na produção de espaços urbanos, sendo capaz de desencadear novos processos e intensificar as tendências em curso nesses espaços (CRUZ, 2019). Como demonstra Carlos (2002), a produção dos *espaços de turismo* se realiza em uma sociedade em que todos os momentos da vida cotidiana se encontram penetrados pela realização da mercadoria. Diante disso, a atividade turística torna o espaço uma mercadoria e “O turismo revela, assim, a mudança da relação espaço - tempo no mundo moderno, realizando o espaço enquanto mercadoria, ao mesmo tempo em que submete o tempo do lazer ao mundo da mercadoria.” (ibidem, p. 48).

Com a chegada do turismo, os lugares são transformados através da imposição de lógicas hegemônicas que determinam uma nova organização dos espaços, por meio de mudanças principalmente urbanas. As cidades turísticas têm como elemento

central o consumo e o turismo de massa tende a fomentar a efemerização da relação entre o turista e o lugar. Assim, o lugar passa a obedecer ordens externas - às quais a população é também submetida - que desarticulam as culturas locais e tradicionais (LUCIARI, 1998). Por meio do poder econômico e da mediação entre o público e o privado,

[...] a produção dos espaços turísticos descaracteriza o espaço da vida cotidiana, espetaculariza cultura, hábitos e costumes locais, transformando o cidadão local num personagem folclórico e, de outro lado, segrega o turista num oásis asséptico e seguro. (CARLOS. 2002, p. 54).

A partir dos anos 1990, as cidades passaram a disputar os fluxos de capitais financeiros, a partir das renovações urbanas. Para que este processo de requalificação de bairros obsoletos pudesse ser legitimado², ele passou a ser associado à realização de grandes eventos, sobretudo os esportivos, que eram popularmente aceitos. Os megaeventos são considerados marcos da modernidade capazes de integrar interesses corporativos e voltados à indústria de construção civil com aqueles de governos em relação ao desenvolvimento urbano e imagem nacional (TAVARES, 2011).

Assim, ao redor de um grande estádio, de um pavilhão de exposições, começaram a ser erguidos centros de negócios, bairros de alto padrão etc. Operações casadas em que governantes e investidores saíam ganhando, com a vantagem do apoio popular. (FERREIRA, 2014, p. 09)

A realização do megaevento, então, está ligada à uma atividade estratégica de reprodução do capital através do espaço geográfico, especialmente o espaço urbano. Ao promover um megaevento, vende-se a ideia de que as cidades sedes serão mais conhecidas, atraindo turistas, investimentos e novos eventos (VAINER, 2014). Assim, as cidades ocupam um papel importante no processo de acumulação de capital associado à indústria do turismo, de forma que os megaeventos e as obras de infraestrutura a ele associadas caminham de forma a garantir a adequação das cidades às novas exigências do capitalismo mundial.

Neste decurso, observamos o efeito da valorização imobiliária e aumento do preço do solo, em geral muito acima da renda dos moradores, levando a processos de expropriação e expulsão da população dos lugares escolhidos para a construção das estruturas que sediaram o megaevento. Assim, a preparação de um país para um megaevento se mostra como um

² Ferreira (2014) demonstra que nem sempre as requalificações tiveram a aceitação popular esperada, apesar do selo cultural colocado nestas obras urbanas.

[...] teste não para a etapa civilizatória, mas sim teste para ser um *player* global nos circuitos mercantis e financeiros internacionais. Coisas nada civilizadas ocorrem quando um país se prepara para esse tipo de evento, no campo dos direitos humanos. O processo civilizatório significaria, entre outras coisas, o fortalecimento da proteção dos direitos humanos e não uma desmontagem. (ROLNIK, 2012, p. 09).

A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil fez emergir uma série de estudos sobre produção do espaço que atrelam turismo e planejamento urbano. O planejamento do espaço voltado para a realização da Copa do Mundo FIFA reorientou a prática social das cidades sedes e aprofundou as segregações já existentes. Para Rolnik (2012), um megaevento, especialmente a Copa do Mundo, é uma situação paralisante do ponto de vista político, onde é possível aliar um sentimento nacionalista e mobilizar um elemento cultural importante para a cultura brasileira. Portanto, “Constitui-se um verdadeiro Estado de exceção³, um Estado de emergência, onde direitos, procedimentos com os quais nós deveríamos tomar mais cuidado, acabam sendo “bypassados” inclusive através da própria Lei Geral da Copa.” (ibidem, p. 12).

No Brasil, o megaevento esportivo realizado em 2014 se distribuiu em doze diferentes cidades do país, de forma que as infraestruturas e transformações urbanas exigidas pela organização do evento, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), foram cumpridas em todas estas cidades. No caso de São Paulo, os jogos foram realizados na Neo Química Arena, antiga Arena Corinthians, localizada no distrito de Itaquera, na Zona Leste do município de São Paulo. A arena começou a ser construída no ano de 2009 e foi inaugurada em maio de 2014, às vésperas do evento esportivo e para sua utilização durante a Copa, sua construção e arquitetura teve de seguir os parâmetros internacionais estabelecidos pela FIFA.

A formação do distrito de Itaquera, onde se insere a Neo Química Arena, deve ser interpretada através do contexto de expansão da metrópole urbana vinculada à reprodução da classe trabalhadora, na qual a periferia se reproduz segundo os fundamentos desiguais da sociedade e uma valorização diferencial dos terrenos (RAMALHOSO, 2013). Com a expulsão dos trabalhadores das áreas centrais e o adensamento da população na região leste, vemos uma crescente demanda por infraestruturas básicas e redes de comércio. Dessa forma, a partir da década de 1990, muitos anos após o adensamento populacional do bairro, deu-se a instalação de

³ “o estado de exceção, concebido no passado como uma medida essencialmente temporal, converteu-se hoje em uma técnica normal de governo. Isto quer dizer que a compreensão do sentido do estado de exceção é inseparável de uma investigação sobre a natureza e a estrutura do governo” (AGAMBEN, 2014, p. 25).

estabelecimentos capazes de atender à população local, como bancos, centros comerciais e uma rede de transportes ainda precária (VASCONCELOS, 2015). Esses elementos consolidaram a formação de uma centralidade que abrange os setores de serviços públicos e privados, caracterizando uma requalificação da área (ibidem).

A construção da Neo Química Arena e a decisão de sediar a abertura da Copa do Mundo FIFA 2014 aceleraram as construções no âmbito das redes de transporte, tanto na implementação de transportes públicos mais eficientes, quanto na reconstrução nas vias próximas ao estádio. Além disso, há ampliação de centros comerciais e instalação de empresas. Estes fatores aquecem o mercado imobiliário e a construção civil, de modo a elevar o custo de vida na região. A população que se vê impedida de morar ali, uma vez que suas despesas são mais elevadas que seu poder aquisitivo, busca novas áreas para morar ou moradias cada vez mais precárias. Além disso, a população que habita o entorno da área construída para o megaevento é “convidada” a se retirar, diante de uma política cruel de despejo. Como mostra Raquel Rolnik (2012, p. 11), “o chamado “cheque-despejo”, que é largamente utilizado em São Paulo e outros lugares (...) é totalmente ilegal em relação à legislação internacional e também em relação à legislação brasileira.”.

Às vésperas de mais uma Copa do Mundo FIFA, a mobilização mundial para a organização e execução do megaevento é, de um lado, fruto da expansão permanente do capitalismo, e de outro, resultado de uma prática social, que mobiliza um elemento cultural fortíssimo, o futebol. Diante do exposto, definimos como problema central de pesquisa: “De que forma o megaevento Copa do Mundo FIFA 2014 nos ajuda a compreender o processo de produção do espaço em Itaquera e quais são os desdobramentos socioespaciais dessa produção?” Diante da complexa trama que se desenvolve para a realização de um megaevento, este trabalho se dedicará a articular a produção social do espaço e o turismo, de forma a compreender os aspectos políticos, econômicos e sociais envolvidos com o megaevento Copa do Mundo FIFA 2014, bem como seus legados espaciais.

Assim, o objetivo do presente trabalho consiste em analisar o processo de produção do espaço urbano ligado a megaeventos a partir do estudo de caso do bairro de Itaquera, São Paulo, e assim resgatar a memória política do território, a fim de compreender as implicações e os desdobramentos de contradições espaciais geradas nesse processo. Para isso, espera-se que desta pesquisa possa despontar uma nova

forma de compreender o espaço urbano, pautada menos nas exigências do capital e mais nos direitos da população, no que diz respeito principalmente à moradia, educação, segurança e saúde.

No que diz respeito à estrutura do texto a seguir e ao seu fio condutor, procura-se inicialmente refletir sobre o fenômeno do neoliberalismo e seu papel na produção de espaços urbanos, bem como a nova forma de gestão empreendedora da cidade se utiliza dos megaeventos para a reprodução ampliada do capital. A seguir, buscamos trazer uma reflexão ampla acerca da produção do espaço do bairro de Itaquera e da Zona Leste de São Paulo, a fim de compreender as contradições que enredam o então futuro palco da Copa do Mundo FIFA 2014.

No último capítulo, é apresentada uma caracterização crítica da realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil e de suas especificidades no bairro de Itaquera. A partir disso, refletimos sobre o legado espacial da Copa no bairro e como a população de Itaquera percebe o mesmo. Para tanto, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico seguindo os eixos: *produção do espaço; neoliberalismo urbano; megaeventos esportivos; Copa do Mundo FIFA 2014; produção do espaço em Itaquera; legado da Copa*, e além disso, foram realizadas análises que consideraram o ponto de vista dos moradores que gentilmente aceitaram conceder entrevistas, através de um questionário *on-line* (Anexo I) e contribuir com essa pesquisa. Para uma aproximação com a área de estudo foi realizada uma visita guiada ao Neo Química Arena e às áreas circundantes no dia 03 de abril de 2022. Nesta visita foi possível compreender a dinâmica da mobilidade urbana neste espaço e as motivações políticas e financeiras que levaram à realização do empreendimento destinado ao Corinthians. Posteriormente, no dia 16 de junho de 2022, foi realizado um trabalho de campo guiado pela Professora Rita e pelo ex-morador de Itaquera Orlando, onde foi possível compreender a formação do bairro de Itaquera para além do estádio. Estivemos presentes nas redondezas do estádio, passando pela Favela da Paz, pelas novas vias da Radial Leste e Avenida Jacu-Pêssego e pelo terminal de ônibus ligado à estação Corinthians-Itaquera, além disso visitamos o centro velho de Itaquera, de forma a compreender os principais pontos de comércio e o percurso realizado pelos trabalhadores de suas casas até a estação de metrô.

O questionário foi elaborado pelo *Google Forms* e divulgado em diferentes nichos sociais, por meio das plataformas de comunicação mais comuns atualmente, como grupos de *Facebook*, *Instagram* e redes de *WhatsApp*. Ao total, foram obtidas quarenta respostas de moradores e ex-moradores do bairro que relataram suas principais lembranças da construção do estádio e das obras do entorno, as alterações na rotina e identificaram benefícios e malefícios da realização do megaevento para o bairro. Por fim, as considerações finais pretendem dar ênfase nos aspectos mais relevantes da reflexão, pensando sempre em novas formas de produzir o espaço e as relações que nele se estabelecem e materializam.

1 CAPÍTULO 01

A CIDADE ACOLHE O FUTEBOL: parâmetros neoliberais na realização de um megaevento esportivo

As cidades sempre cumpriram determinado papel no desenvolvimento econômico e social, de forma que acompanham os diferentes momentos históricos e seus respectivos arranjos econômicos. Com o início da urbanização ocorrem importantes transformações sociais, principalmente no que se refere às condições das relações sociais e acumulação capitalista, como aponta Harvey (1996). Dessa forma, a acumulação de capital se materializa no espaço, de acordo com as condições de reprodução e com os agentes hegemônicos que ditam as direções desta reprodução. Assim, para compreender as cidades modernas e as transformações urbanas é necessário apreender que o processo de criação da cidade é “ao mesmo tempo, produto e condição de processos sociais de transformação, vigentes na fase mais recente do desenvolvimento capitalista.” (ibidem, p. 48).

O processo de industrialização, que teve início no século XVIII, é acompanhado de uma forma de acumulação específica, pautada na produção industrial, longas jornadas de trabalho, poder de compra do trabalhador e na produção de excedentes. O capitalismo industrial fez manifestar o desenvolvimento do fenômeno urbano, marcado pela construção de infraestrutura de circulação e de grandes centros industriais favorecendo a concentração populacional onde mais tarde viriam a ser os grandes centros urbanos (VALE, 2007). Dessa forma, entendemos que

a urbanização é um processo que facilita a acumulação de capital, garantindo suas condições, mas igualmente um processo de produção e consumo em si mesmo, já que a construção dos espaços urbanos opera dentro dos moldes da produção de mercadorias urbanas (FARIAS E DINIZ, 2018, p. 286).

Com o elevado grau da expansão geográfica do capital, a produção capitalista, qualitativamente urbana, alcançou uma escala sem precedente, de forma que esta reestruturação contribuiu para a formação de uma extraordinária expansão da escala da metrópole moderna, tornando-se global (MOREIRA E GÓMEZ, 2014). A nova morfologia da sociedade urbana não se limita à forma da cidade,

mas se articula cada vez mais a ela, por conter elementos do processo de urbanização (infraestrutura de transportes e de comunicação, sistema bancário, redes comerciais) que possibilitam a simultaneidade e impulsionam a transformação de relações sociais, constituindo-se em espaços-tempos urbanos. (ALVAREZ, 2019, p. 499).

O fenômeno globalizante associado à crise econômica instaurada no final da década de 1960 conduziu à busca por um conjunto de práticas políticas e econômicas

capazes de absorver o excedente e prevenir novas crises por meio de práticas neoliberais. Enquanto processo de transformação social e espacial orientado pelo mercado, o neoliberalismo se articula por meio de estratégias geográficas e históricas e conta com a ativa mobilização estatal na promoção de regulamentações em prol do mercado (MOREIRA E GÓMEZ, 2014). Desse modo, “o neoliberalismo confia ao mercado o papel de regular a sociedade, o mercado busca trazer para si o conjunto das relações sociais” (ZANOTELLI, 2021, p. 10). Assim, a função das cidades ganha um novo rumo durante o período neoliberal do capitalismo a partir da década de 1970 (SMITH, 2017).

O enfrentamento desta crise do sistema de produção se deu através de medidas de *empresariamento urbano*, enquanto nova forma de ver e pensar as cidades, de modo a adequá-las à dinâmica de acumulação vigente, caracterizada pela seletividade de investimentos (HARVEY, 1996). Dessa forma, a crise global e a produção capitalista encontram na escala local uma forma de reerguer-se.

A maior ênfase na ação local para combater tais males [dificuldades que atingiram as economias capitalistas a partir de 1973] também parece ter algo a ver com o declínio do Estado-Nação no controle do fluxo monetário multinacional, de maneira que os investimentos tomam cada vez mais a forma de uma negociação entre capital financeiro internacional e os poderes locais, os quais fazem o melhor possível para maximizar a atratividade local para o desenvolvimento capitalista (ibidem, p. 50).

Cria-se uma aliança entre o capital privado e um Estado empreendedor empenhada em construir, recriar e planejar espaços na cidade capazes de atrair cada vez mais investidores e especuladores.

O novo empresariamento urbano se caracteriza, então, principalmente pela parceria público-privada tendo como objetivo político e econômico imediato (se bem que, de forma nenhuma exclusivo) muito mais o investimento e o desenvolvimento econômico através de empreendimentos imobiliários pontuais e especulativos do que a melhoria das condições em um âmbito específico. (HARVEY, 2016, p. 53).

O urbanismo neoliberal se coloca à disposição da privatização seletiva e de exclusividade de acesso aos lugares, em detrimento da potencialização de espaços públicos e do ambiente urbano mais inclusivo (SOUZA, 2018)⁴. Em busca de uma valorização constante de capital nos diferentes momentos de produção e de mercado,

⁴ Entende-se que as cidades sempre foram lugares de desenvolvimentos geográficos desiguais, mas com o avanço do capitalismo financeiro e do urbanismo neoliberal, as diferenças intensificam-se de modo patológico.

a produção da cidade se torna facilitadora da acumulação do capital, ao passo que é também um processo de produção e consumo em si mesmo (FARIAS E DINIZ, 2018)⁵.

No âmbito ideológico, o discurso neoliberal se pauta na valorização de *eficácia da livre concorrência* contra a *ineficiência do Estado* no provimento de acesso à saúde, educação, alimentação e outros serviços; além de ressaltar uma *subjetividade humana empreendedora* (FARIAS E DINIZ, 2018). Dessa forma, a crise do sistema capitalista neoliberal torna-se, assim, o fracasso do indivíduo/Estado-nação que não conseguiu obter sucesso pelos seus próprios méritos, que não possui "espírito empreendedor" para conquistar o melhor, mesmo quando em situações extremamente adversas e violentas. A ideologia individualista e empreendedora pauta a formação dos sujeitos e, conseqüentemente, a produção do espaço, de modo que tornam-se justificativa para a intervenção da iniciativa privada orientada por pequenos grupos de classes sociais dominantes. Nesse sentido, a cidade é

produto e condição das formas de reprodução social que lhe são iminentes. Isso significa que, ao mesmo tempo em que manifestam a potência humana de criar possibilidades para habitar e experimentar o mundo, carregam em si as contradições dessas sociedades.(FARIAS E DINIZ, 2018, p. 284).

Assim, a cidade capitalista neoliberal se apresenta como mercadoria, manifestando no lugar o conjunto das contradições inerentes à propriedade privada da terra e dos meios de produção. A produção do espaço, associada às políticas urbanas, torna-se uma questão de mercado; e a cidade, uma mercadoria. Assim, "o capital financeiro determina que a comercialização e o consumo do espaço urbano se convertam em aspectos fundamentais da própria reprodução do capital." (SABINO, 2012, p. 24-25).

Embora, ideologicamente, o neoliberalismo propague o fracasso do Estado enquanto instrumento de governança, Smith nos mostra que

o Estado, em várias escalas – nacional, local e global – contribuiu constantemente por meio de desregulamentações empresariais, despesas militares, políticas de habitação, política fiscal corporativa, desenvolvimento urbano, repressão social, políticas de "desenvolvimento" global e ampliação de seu próprio empreendedorismo para avançar o projeto neoliberal (SMITH, 2017, p. 93).

Neste sentido, o Estado instrumentalizado pelo neoliberalismo e pelas classes dominantes mobiliza os aparatos repressivos a fim de favorecer a lógica de mercado.

⁵ Segundo os autores, "a construção dos espaços urbanos opera dentro dos moldes da produção de mercadorias urbanas (construção civil, estruturas e vias públicas, por exemplo)." (FARIAS E DINIZ, 2018, p. 286)

Dessa forma, criam-se os condomínios fechados, aumenta-se o controle de ruas, praças, avenidas e outros espaços públicos, contribuindo para o aumento da segregação espacial e para a financeirização e privatização do espaço urbano (FIRMINO, 2017).

Diante do cenário exposto e da cidade-mercadoria percebemos o urbano enquanto objeto de venda do espaço e disputa por investimentos e atrativos fiscais. Temos, portanto, a instituição da venda da cidade como a realização daquilo que se nomeia como política pública (PRIETO E LACZYNSKI, 2020).

Não se projeta mais a venda de lugares, imagens e de fragmentos do espaço urbano, mas de fato, se medeia a totalidade da política urbana como forma de acumulação urbana de capital na tentativa de venda da cidade como um pacote de investimentos para a realização da concentração de renda e poder, sob o discurso da eficiência econômica empresarial e a diminuição dos gastos públicos (ibidem, p. 247).

A manifestação do Estado através de políticas urbanas para redefinir usos e transformar as áreas públicas por meio do direcionamento dos investimentos e provimento de infraestrutura resulta na atração de investimentos e na formação de uma centralidade financeira no espaço. O fluxo de transações que rege o sistema urbano insere a cidade em um esquema global de investimentos e atração de capital, elevando o circuito financeiro a uma dependência entre materialização e simbolização⁶. Como aponta Sanchez *et al.*,

A luta simbólica para impor determinada visão de mundo associada a um “modelo” parece tratar-se de um dos projetos políticos relevantes na compreensão daqueles mobilizados para a reconstrução de lugares, em relação dialética com os processos materiais de modernização urbana capitalista do atual período histórico. [...]. As representações influenciam as avaliações e os rankings de lugares e determinam parte considerável das escolhas locacionais. Elas têm, portanto, conseqüências materiais. (SANCHEZ *et al.*, 2004, p. 44).

Em um jogo dialético de disputa simbólica pela imposição de um modelo hegemônico de cidade e disputa por investimentos privados, a cidade é construída por meio dos esforços do empresariamento urbano, que acentua o processo de fragmentação do planejamento urbano e a divisão do território em parcelas sob o interesse de grupos específicos, de modo a intensificar a competição entre governos e coalizões empresariais.

⁶ Sanchez et al. (2004, p. 44) apontam que “A mútua dependência entre materialização e simbolização, por meio da difusão de modelos de reestruturação urbana, parece construir as possibilidades históricas de efetivação dos mesmos. De fato, o universo de questões consideradas relevantes e o conjunto de estratégias definidas nos projetos de renovação urbana parecem estar sendo reconfigurados nos últimos anos, perfilando uma verdadeira revolução simbólica.”

A visão estratégica salienta a possibilidade de aproveitar as oportunidades de renovação para a implementação de projetos que combinem atratividade para eventuais investidores, alta visibilidade e atividades afinadas com tendências econômicas emergentes, concentradas no setor terciário e nos serviços especializados – escritórios, lazer, turismo, gastronomia, esporte, alta tecnologia e assim por diante (CAMPOS E SOMEKH, 2001, p.174-175 apud SANCHEZ, 2004, p. 45).

Por fim, entendemos que a cidade posta à venda é submetida pelo Estado e pelos investidores a uma lógica de *marketing* urbano⁷, a fim de expandir cada vez mais o capital de inserção financeira. Através de intervenções urbanas grandiosas a atenção global é atraída para a cidade, colocando-a como centro potencial de investimentos. É esse o momento aguardado pelo capital e propiciado pelo Estado: cria-se aqui uma oportunidade única para a reprodução ampliada da acumulação capitalista, por meio de novos investimentos no solo urbano que influenciam a especulação imobiliária. Para Arantes (2012, p. 08), esse é um dos traços do urbanismo contemporâneo: “vive-se à espreita, de ocasiões [...] para fazer negócios!”, sendo que o que está à venda é a própria cidade, enquanto produto inédito para o mercado mundial.

1.1 As cidades e os megaeventos esportivos

Entendemos aqui que as cidades são *locus* do jogo político vigente, do desenvolvimento econômico, do encontro cultural, dos problemas ambientais e da formação de identidade de grande parte da população, e que, a partir do século XXI, essas condições e relações se tornaram ainda mais complexas. Um elemento que se torna central é a cooperação entre cidades e mercados internacionais, uma vez que possuem estruturas produtivas flexíveis e ampla capacidade de se inserirem em redes regionais e mundiais. Esta inserção no mercado mundial leva à crescente competição entre as cidades, em um processo que articula dialeticamente o local e o global.

[...] o embate que caracteriza o mundo contemporâneo se manifesta na própria cidade, compreendida como arena de interesses antagônicos. As políticas urbanas voltadas para a inserção competitiva da cidade constroem uma relação entre o local e o global conforme lógicas que são de interesse de grupos dominantes (NOVAIS E LEAL, 1999, p. 1)

⁷ Segundo Magalhães (2015, p. 14) o city marketing ou marketing urbano “procura atuar na alteração da imagem da cidade pela espetacularização de suas fachadas, projetadas, via publicidade, para o mundo, visando à inserção da cidade em circuitos globais de circulação de turistas e investidores, e, atualmente, de estudantes com fartos recursos financeiros e jovens profissionais de fácil mobilidade territorial, supostamente atraídos por um meio urbano “vibrante”.”

Nesse sentido, a modernização de áreas centrais na cidade participa do atual modelo de produção do espaço, enquanto lugar do consumo globalizado e de circulação seletiva (SÁNCHEZ E MOURA, 1999). De forma a manter o padrão de competitividade entre as cidades, se desenvolve uma política de atração de capitais e trabalhadores qualificados que se confunde com as políticas públicas de planejamento estratégico e transforma o espaço em, ao mesmo tempo, instrumento de segregação social e instrumento de atração de capital.

No processo de venda da cidade ao mercado internacional, diversos projetos de reestruturação urbana são criados, de modo a “mobilizar os espaços da cidade e o crescimento orientado tanto para o mercado, quanto para as práticas de consumo das elites, garantindo, ao mesmo tempo, a ordem e o controle das populações excluídas” (SOUZA, 2018, p. 250). Estes projetos são considerados passos criativos e destrutivos dentro da urbanização neoliberal, de forma que abarcam uma dimensão de classe⁸ e distribuem-se de modo desigual pelo espaço geográfico (ibidem). Dentre estes projetos neoliberais, destacamos neste trabalho o papel dos mega-eventos na produção do espaço urbano enquanto mercadoria de disputa.

Diante da redefinição das formas de poder na cidade e de sua comercialização, cabe a reflexão acerca da origem do planejamento urbano hoje hegemônico e do papel do neoliberalismo nas políticas urbanas. Sobre este tema, Vainer (2011) coloca que, enquanto o Consenso de Washington reconfigurava as economias nacionais, era imposto um novo consenso urbano, de modo a incentivar:

No lugar do planejamento moderno, compreensivo, fortemente marcado por uma ação diretiva do estado, expressa, entre outros elementos, nos zoneamentos e nos planos diretores, um planejamento competitivo, que se pretende flexível, amigável ao mercado (*market friendly*) e orientado pelo e para o mercado (*market oriented*) (VAINER, 2011, p. 3).

Assim, se configura um novo tipo de planejamento, onde a atitude adotada na cidade depende de uma estratégia de poder (VAINER, 2011). De forma que, “na cidade não há lugar para ideologias nem políticas, há apenas interesses. Na verdade, há apenas um único, verdadeiro, legítimo interesse: a produtividade e a competitividade urbanas, condição sine qua non do crescimento.” (ibidem, p. 6). O

⁸ “As chamadas cidades “globais” do capitalismo avançado são divididas socialmente entre as elites financeiras e as grandes porções de trabalhadores de baixa renda, que por sua vez se fundem aos marginalizados e desempregados.” (HARVEY et al., 2015, p. 29). Em geral, são os mais pobres e marginalizados pelo poder público os que mais sofrem no processo de transformação do urbano pautado nas práticas neoliberais.

neoliberalismo enquanto base da política urbana exige da cidade uma gestão eficiente e flexível, capaz de aproveitar as oportunidades postas mais rápido que seus concorrentes. Dessa forma, a competitividade entre cidades se acirra em uma lógica agressiva de eficiência empresarial. A cidade-empresa⁹ se concretiza de modo que “As formas de gestão e de contratação devem assegurar a agilidade e a transparência e responder a critérios de eficiência econômica e eficácia social e não de controle político ou burocrático” (CASTELLS & BORJA, 1996, p. 159 apud VAINER, 2011, p. 04).

Dessa forma, a realização de um megaevento esportivo internacional configura-se como elemento de destaque no contexto da competitividade das cidades, uma vez que a infraestrutura necessária para os eventos é considerada parte integrante do desenvolvimento econômico; a realização dos eventos é tida como contribuição para a vitalidade empresarial e promoção desse desenvolvimento; e a capacidade para atrair investimentos é considerada um indicador de desempenho do potencial de uma cidade ou região para competir (HALL, 2006, p. 64 apud MOLINA, 2013).

A promoção de megaeventos simboliza uma confluência de interesses do empreendedorismo urbano, de forma que se configura um elemento importante na atual “sociedade do espetáculo” (MASCARENHAS, 2014). A transformação da cidade em lugar onde este espetáculo se realiza revela a criação de um cenário desconexo da realidade local, com o objetivo de aumentar a capacidade de atratividade da cidade e produzir cultura com a tecnologia midiática. A promoção da cidade e a emergência agressiva do *city marketing* são potencializadas pela realização de um megaevento (ibidem). Dessa forma, sediar um megaevento se associa à capacidade das cidades de competir internacionalmente, vendendo uma autoimagem positiva, em relação à presença de hotelaria, rede de transportes, estádios ou áreas de exposição. Trata-se de “uma das mais relevantes linhas de exaltação e de demonstração de hegemonia e de poder político-econômico e cultural das nações e das cidades mais dominantes do planeta” (RAMOS, 2019, p. 90).

Enquanto estratégia de *marketing* urbano, os megaeventos esportivos se mostraram eficientes sobretudo com as Olimpíadas de 1992, em Barcelona¹⁰. A

⁹ Segundo Vainer (2011), as condições e consequências da cidade-empresa seriam a despolitização, o desaparecimento dos partidos e o poder carismático individualizado.

¹⁰ Sobre a reestruturação urbana ocorrida em Barcelona diante do evento das Olimpíadas de 1992 ver Arantes (2012), Costa (2013) e Mascarenhas (2008).

centralização na auto promoção imobiliária, a exploração do capital simbólico e a potencialização das vantagens comparativas de Barcelona fomentaram uma política de *city marketing* e uma imagem forte da cidade, com a “marca Barcelona”, conquistando um lugar privilegiado nos circuitos internacionais culturais e econômicos (MOREIRA E GÓMEZ, 2014). Para Molina (2013), este “modelo Barcelona” criado em função das intervenções urbanas para a ocasião dos jogos esportivos é pautado na requalificação urbana de áreas consideradas degradadas, aprimoramento da mobilidade urbana e ações de *city-marketing*.

a valorização de áreas urbanas degradadas, a inovação cultural, a melhoria física do ambiente urbano (incluindo a mudança para estilos pós-modernistas de arquitetura e design urbano), atrações para consumo (estádios esportivos, centros de convenções, *shopping centers*, marinas, praças de alimentação exóticas) e entretenimento (a organização de espetáculos urbanos em base temporária ou permanente) se tornaram facetas proeminentes das estratégias para a regeneração urbana. Acima de tudo, a cidade tem de parecer um lugar inovador, estimulante, criativo e seguro para se viver ou visitar, para divertir-se e consumir. (HARVEY, 2005, p. 176).

A realização de megaeventos esportivos evidenciam novas lógicas de produção e promoção do espaço, mediada pelo Estado, capital privado e agentes sociais. Os megaeventos exigem a implementação de atividades e equipamentos específicos, além da construção de infraestruturas de apoio ao evento, relacionada à mobilidade urbana e ao fomento da atividade turística (RAMOS, 2019). Pode-se afirmar que o que torna um evento “mega” é sua escala de abrangência e capacidade de transformar o lugar, deixando legados espaciais. Tanto na capacidade de atrair e agregar pessoas e capitais, com expressividade internacional, quanto na sua duração, são efêmeros: acontecem em um dado período de tempo e em um dado espaço. Além disso, os megaeventos comportam certo *status* simbólico e se relacionam com práticas socioculturais (MOLINA, 2013).

As decisões locacionais manifestam-se, assim, na perspectiva do uso futuro ao qual o terreno utilizado pelo mega-evento será submetido. Trata-se, inicialmente, de um uso efêmero de parcelas do espaço urbano, ou seja, aquele relacionado à própria duração do mega-evento, para que, num segundo momento, estes fragmentos espaciais sejam capitalisticamente produzidos e comercializados enquanto solo urbano e subordinados a ações hegemônicas e homogeneizantes. (ibidem, p. 175).

Para que as transformações no urbano ocorram do modo como dita a organização de um mega-evento, as instituições privadas recebem dos governos responsáveis uma série de isenções de impostos, monopólios dos espaços publicitários e monopólio de equipamentos esportivos resultantes de investimentos públicos, consolidando a cidade de exceção, onde as políticas públicas e legislações

da cidade são banalizadas em prol das concessões de serviços direcionados ao mega-evento (HARVEY *et al.*, 2015, p. 39).

Desse modo, a Copa do Mundo FIFA, um dos maiores eventos esportivos do mundo, se insere no âmbito internacional de forma a fomentar a competitividade entre as cidades e a atração de investimentos que façam com que a cidade torne-se apta a ser escolhida para sediar o evento.

Necessário atentar-se para o fato de que além do campo político e econômico que envolve a realização de uma Copa do Mundo FIFA, há também um campo social. O futebol enquanto mobilizador cultural é utilizado como estratégia de coerção da população, que vê os investimentos na cidade como conquista e fatores de orgulho nacional. É o momento da aliança entre o sentimento nacionalista aos interesses políticos das elites, de forma a legitimar os projetos urbanos em questão (ROLNIK, 2012). Como nos mostram Sánchez *et al.* (2014), com a Copa do Mundo FIFA cria-se uma geografia específica do futebol, onde de um lado ele é praticado informalmente, de acordo com os interesses dos praticantes voluntários em campos improvisados, praças e ruas e, do outro lado, ele depende da ação do poder público e de agentes privados para a construção de um local específico para a prática, o estádio.

Neste sentido, a mobilização política para a reestruturação das cidades por intermédio de projetos estratégicos envolve tanto investimentos materiais, quanto simbólicos (SÁNCHEZ *et al.*, 2004).

A lealdade ao lugar e o sentido de pertencimento estimulados pelos “projetos de cidade” em curso têm significados políticos. Evidenciam que o poder político pode ser mobilizado e exercido por meio de atividades de modernização urbana tanto nas mentalidades coletivas quanto na materialidade. (ibidem, p. 45).

O Estado tem papel central na construção de um sentimento de crise urbana e de uma produção discursiva de lealdade afetiva, orgulho cívico e de ganhos para a população na forma de legados. Contrariando o seu próprio discurso, vende a cidade às organizações esportivas mundiais, que veem no espaço a oportunidade da reprodução ampliada do capital por meio de investimentos e da especulação imobiliária. O Estado se volta para estes agentes a fim de facilitar o processo de investimento privado, abrindo mão de políticas públicas voltadas à educação, transporte, moradia e seguridade social.

Embora o discurso de um legado benéfico à população local seja comum entre os governos que promovem megaeventos, o que se tem ao final são elevados danos

no âmbito público e investimentos de sucesso para o setor privado. Costa (2013) elenca os principais conflitos e problemas sociais enfrentados pelas cidades que sediaram Jogos Olímpicos começando por Seul em 1988, onde a população enfrentou despejos, aumento dos preços imobiliários e repressão social; até Londres em 2012, onde houve distorção do mercado residencial imobiliário, aumento da militarização dos espaços públicos, entre outros.

Vale ressaltar que, nesse contexto neoliberal de empreendedorismo urbano, a cidade só se torna apta a receber um megaevento diante da movimentação de capital que ela mobiliza e de sua capacidade de articulação e transformação urbana. No Brasil, isso só foi possível a partir da década de 1990, quando uma confluência de fatores possibilitou a incorporação imobiliária, investimentos especulativos e o crescimento de infraestruturas no território nacional sobre preceitos neoliberais. A integração de largas parcelas da população ao espaço socioeconômico, retirando milhares de pessoas da linha da pobreza nos anos 1990, permitiu, contraditoriamente, aumentar o consumo e difundir o discurso e as práticas neoliberais (ZANOTELLI, 2021) que levaram, mais tarde, o país a condições favoráveis para sediar um megaevento esportivo, a Copa do Mundo FIFA 2014.

1.2 Copa do Mundo FIFA 2014 e as transformações no urbano brasileiro

Como apontam Damo e Oliven (2013), sediar uma copa do mundo de futebol é muito diferente de participar dela e esta diferença pressupõe modalidades distintas de engajamento do Estado-nação.

Em linhas gerais pode-se dizer que a participação na copa implica a mobilização da nação, enquanto comunidade de sentimento que se projeta no time que a representa, ao passo que a realização do evento compromete o Estado, parceiro da FIFA na organização da competição. (DAMO; OLIVEN, 2013, p. 20).

O Brasil passou por esta experiência em 1950, quando foi o primeiro país a sediar o evento esportivo após o período de guerras mundiais, porém a Copa do Mundo FIFA 2014 assumiu um caráter muito distinto da primeira, uma vez que se insere no contexto neoliberal de comercialização das cidades, como já discutido. Em 1950, foi necessário modificar apenas um estádio, o Maracanã, enquanto em 2014 construímos ou reformamos doze estádios. O evento esportivo se tornou maior e atingiu proporções antes não vistas no país, tanto no âmbito material das construções de instalações esportivas e infra estruturas, quanto no campo simbólico, das

propagandas, do *marketing* e da formação ideológica de um legado espacial e esportivo.

A escolha do Brasil como sede da Copa de 2014 foi o resultado de uma confluência de fatores econômicos, políticos e sociais e da aliança de interesses entre a FIFA e o governo brasileiro. O anúncio de que o Brasil sediaria a Copa do Mundo FIFA 2014 foi dado em outubro de 2007, durante o discurso¹¹ do presidente da FIFA Joseph Blatter, nas seguintes palavras: “O Comitê Executivo da FIFA decidiu dar a responsabilidade, não só o direito, mas a responsabilidade de organizar a Copa Mundial da FIFA de Futebol 2014 ao país: ...Brasil”.

Do ponto de vista da FIFA e de sua estratégia de globalização do mercado futebolístico, a Copa de 2014 deveria ser realizada no continente americano, preferencialmente no sul, uma vez que havia 36 anos desde a última edição, na Argentina em 1978. Dadas as exigências da FIFA em termos de infraestrutura, o Brasil seria o país cuja economia teria condições de suportar, sem maiores sobressaltos, os investimentos demandados, além de ser um país no qual o futebol é o esporte hegemônico, sem contar o seu potencial turístico e sua reputação de hospitalidade. (DAMO E OLIVEN, 2013, p. 23).

Do ponto de vista da construção de um ideário nacional, o anúncio de que o Brasil, *país do futebol*, viria a sediar a Copa do Mundo FIFA 2014 serviu como aparato de coerção social sob o discurso da globalidade e modernização alcançada pelo país. Os recursos públicos destinados a alcançar cidades “padrão FIFA” foram vendidos como investimentos que viriam a se reverter em saúde e educação de melhor qualidade para a população brasileira. Dois anos mais tarde, o Comitê Olímpico Internacional anunciava a cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos 2016 e durante o anúncio o atual presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva fez um discurso que ilustra bem a confluência dos interesses que mobilizam a competição entre cidades para a realização de um megaevento no contexto neoliberal.

O Brasil vive um excelente momento. Trabalhamos muito nas últimas décadas. Temos uma economia organizada e pujante, que enfrentou sem sobressaltos a crise que ainda assola tantas nações. Vivemos num clima de liberdade e democracia. Nos últimos anos 30 milhões de brasileiros saíram da pobreza e 21 milhões passaram a integrar a nova classe média. [...] A superação de dificuldades é o que marca a história recente do Brasil e a trajetória de milhões de brasileiros. (DAMO E OLIVEN, 2013, p. 30)¹²

¹⁰Vídeo disponível no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=IFxgh1vOv4E>. Acesso em 1 ago. 2022.

¹² A transcrição do anúncio feito pelo então Presidente Lula foi extraída do trabalho dos autores Damo e Oliven (2013). Os links para os vídeos dos discursos não estão mais disponíveis e as gravações não foram encontradas na rede YouTube.

Em seguida ao anúncio, o então presidente do Brasil concedeu uma entrevista coletiva, onde discursava entusiasmado:

É dia de comemorar, porque eu acho que o Brasil saiu do patamar de país de segunda classe. Respeito é bom, nós damos e nós gostamos de receber. E hoje nós passamos a receber o respeito que as pessoas começaram a ter do Brasil. [...] Eu confesso a vocês que se eu morresse agora já teria valido a pena viver. Porque o Rio de Janeiro e o Brasil provaram ao mundo que nós conquistamos cidadania absoluta, absoluta mesmo. Ninguém agora tem mais dúvida da grandeza econômica, da grandeza social, da capacidade nossa de apresentar um programa [...].(DAMO E OLIVEN, 2013, p. 33)¹³

Os discursos concedidos nas vésperas dos megaeventos esportivos a serem realizados no Brasil, ainda que não estivessem se referindo estritamente à Copa do Mundo, evidenciam o poder de transformação de uma cidade em palco de espetáculos esportivos que reitera o orgulho da nação brasileira de seus avanços econômicos e sociais, da ascensão da classe média e, conseqüentemente, celebram o poder de consumo. Esta é uma das formas pelas quais a cidade capitalista neoliberal se realiza. A cidadania foi colocada por Lula como sinônimo de grandeza econômica e social, e sobreposta aos direitos sociais do cidadão, garantidos por uma Constituição sólida, em prol das oportunidades do capital se reproduzir.

É a partir deste contexto de reafirmação nacional, social, política e econômica, que o Brasil se preparou para sediar o megaevento esportivo comandado pela FIFA. Segundo Vainer (2011), as tomadas de decisão por parte dos governos federais e estaduais refletem a instauração da cidade de exceção, a qual representa diretamente a consolidação da democracia direta do capital. Assim, ao instituir o excepcional como regra, transforma-se o estado de exceção em regra do estado contemporâneo (ibidem). A autonomia relativa do Estado ganha novas e mais amplas dimensões.

A cidade de exceção se afirma, pois, como uma forma nova de regime urbano. Não obstante o funcionamento (formal) dos mecanismos e instituições típicas da república democrática representativa, os aparatos institucionais formais progressivamente abdicam de parcela de suas atribuições e poderes. A lei torna-se passível de desrespeito legal e parcelas crescentes de funções públicas do estado são transferidas a agências "livres de burocracia e controle político". (VAINER, 2011, p. 10)

No Brasil, este *estado de emergência permanente* tem sua forma mais acentuada expressa pela aprovação da Lei Geral da Copa (LEI Nº 12.663, DE 5 DE JUNHO DE 2012) que teve como objetivo conceder flexibilidade e agilidade aos poderes decisórios envolvendo os megaeventos esportivos e religioso¹⁴ que seriam

¹³ Idem 11.

¹⁴ A Lei dispõe de medidas relativas à realização da Copa das Confederações FIFA 2013, Copa do Mundo FIFA 2014 e Jornada Mundial da Juventude - 2013.

sediados no Brasil. A Lei Geral da Copa (LCG) foi fruto de um acordo firmado entre a FIFA e o governo brasileiro, visando atender as exigências impostas pela entidade privada na realização do megaevento. Este *acordo* implicou na suspensão da vigência de inúmeras normas constitucionais, além da proteção fiscal e moral dos símbolos associados à FIFA¹⁵, em um processo cada vez maior de privatização da cultura (PENNA, 2013). Segundo a autora, a LGC oferece garantias de exclusividade às marcas patrocinadoras do evento, caracterizando como ato ilícito o não cumprimento das determinações legais referentes à publicidade. Desse modo, o *marketing* oferecido aos telespectadores do evento fica condicionado pela FIFA, que lucra com cada propaganda que se transmite na Copa.

Além disso, tem-se a garantia de medidas como proteção de mercado à FIFA e às suas subsidiárias e garantia de áreas de restrição comercial, espaços tidos como “zonas limpas”. A FIFA é inteiramente responsável pela determinação dos preços dos ingressos, revelando o processo de elitização e de exclusividade da elite presente nos eventos (PENNA, 2013). Souto Maior (2014) revela ainda que a Lei Geral da Copa instituiu a liberdade para a FIFA de atuar no mercado sem qualquer intervenção do Estado, com a eliminação quase plena da meia-entrada e o afastamento do Código de Defesa do Consumidor.

A Lei também altera outras normas legais vigentes, como a Lei 6.815, de 19 de agosto de 1980 e a Lei 10.671, de 15 de maio de 2003, onde a primeira define a situação do estrangeiro no Brasil e a segunda dispõe acerca do Estatuto do Torcedor. Desse modo, podemos ver que não apenas alterações fiscais são garantidas pela lei que institucionaliza a exceção como regra, mas também aspectos sociais, de mobilidade dos cidadãos nas cidades e nos limites fronteiriços.

Apesar de o governo brasileiro utilizar recorrentemente em seus discursos a defesa da soberania nacional, na prática, ao contrário, tem demonstrado sua posição junto às forças dominantes do capitalismo contemporâneo. Contrariando o próprio discurso liberal da austeridade nacional e de sua soberania, o Brasil negocia a sua legislação de acordo com as demandas do monopólio FIFA (PENNA, 2013, p. 224).

Do ponto de vista das previsões orçamentárias e dos gastos finais para a realização da Copa do Mundo, chama-se atenção para os enormes custos e para as

¹⁵ “Art. 12. A FIFA é a titular exclusiva de todos os direitos relacionados às imagens, aos sons e às outras formas de expressão dos Eventos, incluindo os de explorar, negociar, autorizar e proibir suas transmissões ou retransmissões. [...] Art. 30. Reproduzir, imitar, falsificar ou modificar indevidamente quaisquer Símbolos Oficiais de titularidade da FIFA.” (BRASIL, 2012)

dimensões dos estádios que foram construídos. Segundo o balanço final realizado pelo governo federal em dezembro de 2014¹⁶, a Copa custou R \$31 bilhões, valor destinado à construção e reforma de estádios, à mobilidade urbana do entorno, a aeroportos, portos e estruturas temporárias. Os investimentos foram realizados através de parcerias público-privadas, com financiamento do ProCopa Arenas do BNDES e de instituições privadas.

No Brasil, a Copa do Mundo caracterizou um processo de apropriação de parcelas da cidade e de alargamento de desigualdades sociais presentes no espaço urbano, relacionados à sua reestruturação enquanto cidade-empresa. Entre as ações mais efetivas que se realizaram, destaco as operações urbanas capazes de transformar o espaço a partir de parcerias público-privadas.

Segundo Sánchez *et al.* (2004), o desenvolvimento estratégico e os Grandes Projetos de Intervenção Urbanística (GPUs) são duas das principais concepções da reestruturação econômica e urbana, nos marcos do neoliberalismo. Dessa forma, os GPUs expressam a essência da “estratégia urbana de revitalização” associada à alegoria do “renascimento” das cidades. Esses grandes projetos associados às intervenções pontuais resultam em discursos de rompimento de barreiras de estagnação espacial, renovação de áreas centrais e reconversão urbana de áreas que abrigam grandes eventos esportivos. O quadro 1 apresenta alguns destes discursos oficiais que sustentaram algumas obras dirigidas pelos estados brasileiros.

Quadro 1- Discursos oficiais em torno das grandes intervenções no espaço urbano

| Acerca da substituição do planejamentos global por intervenções pontuais | |
|--|---|
| Belém - PA | “O Governo do Estado contratou uma consultoria para a elaboração de um Plano Estratégico, incluindo Planos setoriais (como o de turismo) e os implementa atualmente. Esse plano está ligado ao plano plurianual de investimentos do governo chamado Avança Pará.” (Pará, citado por PONTES, 2002, p. 25). ¹⁷ |
| Acerca do renascimento e reabilitação da cidade por meio de projetos estratégicos | |
| Rio de Janeiro - RJ | “Muito mais que um museu com arquitetura ousada e única, seria um deflagrador de revitalização urbana da área portuária e do centro histórico, além de recolocar o Rio no RJ |

¹⁶ O relatório na íntegra pode ser acessado pelo link: <<http://www.jogoslimpos.org.br/destaques/balanco-final-governo-federal-da-copa-2014-indica-gastos-de-r-31-bilhoes/>> ou <http://www.jogoslimpos.org.br/wp-content/uploads/2015/01/6_Balanco_Copa_dez_2014.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2022.

¹⁷ PONTES, J. P. X. A orla de Belém: projetos de intervenção e demandas sociais contemporâneas. Belém: CESUPA, 2002. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Urbana.

| | |
|------------|--|
| | circuito das grandes cidades globais, recuperando sua centralidade cultural.” (RIO DE JANEIRO, 2002, p. 2). ¹⁸ |
| Vitória ES | - “Vitória, na perspectiva negativa, lembra o caminhar do caranguejo, mas pode preparar-se para o salto do marlim azul.” (Prefeitura de Vitória, 1996). ¹⁹ |
| Niterói RJ | - “A inclusão definitiva do Caminho Niemeyer nos roteiros turísticos internacionais garantirá a Niterói um desenvolvimento monumental.” (Prefeitura Municipal de Niterói, 2002). ²⁰ |

Fonte: SÁNCHEZ et al. (2004, p. 47-48). Org.: da autora

Segundo Rolnik (2012b, p. 14), as operações urbanas e as obras de preparação das cidades para a Copa do Mundo abrem espaços “sem norma nem lei”, onde estas podem ser flexibilizadas e excepcionalizadas para a entrada de investimentos internacionais. Estas intervenções pontuais foram centrais para acirrar a competitividade entre as cidades no período pré-Copa e para exibir a centralidade urbana mundial alcançada pelo Brasil durante os jogos. O consórcio empresarial, em parceria com o Poder Público e com associações patronais, transpõe conceitos e metodologias do planejamento estratégico empresarial para o espaço urbano (NOBRE, 2018).

As políticas urbanas deixavam de ser voltadas para todas as camadas da população, sendo direcionadas somente àquelas que interessam, e, pior ainda, as camadas mais baixas deixam de ser alvo de políticas públicas para se transformarem em problema para a promoção da cidade (NOBRE, 2018, p. 134).

Nas doze cidades-sede²¹ vemos uma série de operações isoladas e direcionadas à realização do megaevento garantindo a plena reprodução do capital, através dos investimentos de risco do Estado e das garantias de lucro da FIFA e de suas subsidiárias. Nestas cidades se realizaram inúmeras parcerias público-privadas, no que parece ter sido um leilão das cidades às empreiteiras para a execução das operações urbanas. Embora comandadas pela mesma lógica empreendedora, cada cidade assume um caráter específico na realização do megaevento, uma vez que os processos que as engendram são históricos. No Recife, a construção da Arena Pernambuco se deu sob o discurso da importância do projeto urbano arquitetônico para a nova área da Região Metropolitana de Recife, realçando que será a primeira

¹⁸ RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. Estudo de viabilidade para a instalação do Museu Gugenheim na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

¹⁹ VITÓRIA. Prefeitura Municipal. Vitória do futuro. Vitória, 1996.

²⁰ NITERÓI. Prefeitura Municipal. Grupo Executivo do Caminho Niemeyer. Um desenvolvimento monumental para Niterói. Niterói, 2002. Folder publicitário.

²¹ Eram elas: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

cidade inteligente (*smart city*) do Brasil (SCOTT *et al.*, 2016). Antes mesmo do término da arena, já se registraram valorizações nos condomínios locais e no preço do solo, principalmente de áreas cujo acesso foi liberado pela nova territorialização do bairro. Entretanto, deve ser considerado que esse processo de valorização acompanha uma invisibilização de moradores que já ocupavam este espaço, uma vez que o mercado imobiliário se deslumbra com a possível chegada de consumidores mais abastados (ibidem). Em Porto Alegre, Alfonsin (2015) aponta que o projeto de modernização da Arena Beira-Rio incluiu a construção de obras viárias de abertura, ampliação e alargamento, não previstas inclusive no Plano Diretor da cidade. Estas obras, a fim de garantir a condição de sede do mundial e de cumprir os compromissos com a FIFA, desconsideraram o conteúdo legal do direito humano à moradia, de forma que diversas comunidades foram atingidas pelas obras.

A cidade de São Paulo, enquanto centralidade financeira do país, não poderia ser ignorada na realização do megaevento, uma vez que se trata de uma cidade em que a janela de oportunidades está constantemente aberta ao capital. Assim, foi escolhida como sede da abertura da Copa do Mundo FIFA 2014, realizada na Neo Química Arena, empreendimento projetado e construído para o evento esportivo. O processo de produção do espaço onde o megaevento se realizou bem como suas implicações espaciais e sociais serão discutidas nos próximos capítulos.

2 CAPÍTULO 2

UM MERGULHO NO ESTUDO DE CASO

o distrito de Itaquera

Entre as doze cidades-sedes selecionadas para a realização dos jogos da Copa do Mundo FIFA 2014, a cidade de São Paulo foi escolhida para sediar o jogo de abertura, enquanto o Rio de Janeiro foi escolhido para sediar o jogo da final do megaevento. A definição das cidades-sedes e suas funções durante o evento foram importantes determinadoras do direcionamento dos investimentos públicos e da construção de equipamentos necessários em cada cidade.

Em São Paulo, em janeiro de 2010, foi assinado um termo de compromisso entre as entidades públicas e o São Paulo Futebol Clube, time paulistano e dono do Estádio do Morumbi. O acordo firmado definiu as responsabilidades pela execução das medidas necessárias para a realização da Copa das Confederações FIFA 2013 e da Copa do Mundo FIFA 2014 (NOBRE, 2016). O projeto inicial era de que os jogos da Copa fossem realizados neste estádio, localizado na zona sudoeste de São Paulo, uma das mais valorizadas da metrópole, além de ser o local que detinha o maior fluxo de investimentos públicos e privados em infraestrutura urbana (D'ANDREA, 2009). A escolha da utilização deste estádio previu inúmeras obras de revitalização urbana que viriam a intensificar o fenômeno das remoções de favelas, que já estavam ocorrendo há muitas décadas.

Como é apontado por Nobre (2016), desentendimentos entre os representantes da FIFA e do São Paulo Futebol Clube com relação ao projeto de reforma do estádio (até então sob responsabilidade orçamentária do time) fizeram com que o Comitê de Organização Local (COL) decidisse pela construção de um novo estádio em Itaquera, a fim de sediar os jogos da Copa. Neste momento, a centralidade dos investimentos a nível local e das medidas de planejamento do espaço urbano saem de um bairro valorizado da metrópole e se direcionam a um típico bairro-dormitório da cidade, que vinha sendo alvo de políticas de desenvolvimento local desde a década de 1990.

2.1 A questão urbana no Brasil e a cidade de São Paulo

Segundo Harvey (2018), o desenvolvimento capitalista não pode ser dado fora do contexto geográfico. Para o autor, a diversidade geográfica é uma condição necessária e não uma barreira para o processo de acumulação. Dito isso, deve ser

feita uma leitura da divisão centro/periferia do sistema capitalista como parte desta condição, pois o processo de acumulação é mundial - uma vez que a mercadoria se mundializa, na transferência de valor. Os meios pelos quais um país se industrializa vão definir como se dará a divisão campo cidade e seu processo de urbanização. Quando tratamos de acumulação periférica, como no caso brasileiro e do estado de São Paulo, devemos associar a esta acumulação um processo de urbanização também periférico, ou seja, uma divisão campo-cidade caracterizada pela importação de um modelo de industrialização pelo país.

Diversos fatores são determinantes na formação da metrópole paulista e no seu crescimento, principalmente a partir da década de 1870, como a expansão da cultura cafeeira em terras paulistas, em especial quando prevaleceu nas áreas cristalinas e no planalto arenito-basáltico do interior do estado, sendo a cidade de São Paulo a principal beneficiária da riqueza então acumulada (AZEVEDO, 1958). Somado a atividade cafeeira ganham destaque a multiplicação das vias férreas; o incremento da imigração européia, que mesmo sendo encaminhados para o interior, dirigiram-se em massa para a Capital, onde se fixaram com suas famílias; o afluxo de capitais estrangeiros; a criação do parque industrial paulistano, cujo desenvolvimento passou a exigir mão-de-obra cada vez mais numerosa e especializada; o conseqüente êxodo de populações rurais e urbanas, oriundas do interior do próprio Estado e de outras regiões do país, atraídas pela nova dinâmica da metrópole; e o loteamento de grandes propriedades das quais resultou a proliferação dos novos bairros da Capital (ibidem).

Através de uma densa análise acerca da formação do estado de São Paulo e do papel dos fazendeiros de café neste processo, Monbeig (1984; 2004) mostra como os bairros de São Paulo são produzidos de acordo com os interesses dos proprietários das fazendas de café, que mobilizam o capital obtido através do café em outros setores, como nos serviços urbanos. Desse modo, a organização da forma urbana se dá de modo desigual e segregada. Os grandes centros urbanos foram ocupados pela elite, onde o acesso aos serviços é facilitado. A classe trabalhadora se organiza em vilas proletárias, no entorno das fábricas e em bairros mais afastados, onde não são garantidos os serviços públicos básicos à manutenção da vida e nem um acesso facilitado ao centro, onde se concentram os empregos.

Nesse vasto espaço urbano, assentam-se os mais variados tipos de bairros, desde os puramente residenciais (com todos os matizes resultantes do nível de vida e da condição social de seus moradores) até os tipicamente

industriais (com suas construções características e suas chaminés fumegantes).

Como acontece em tôdas as grandes cidades, os contrastes existentes dentro do "mosaico" paulistano chegam a ser chocantes. De um lado, as alamêdas ensombradas e os amplos espaços ajardinados do Jardim América ou do Jardim Europa; de outro, os quarteirões compactos, densamente povoados, do Brás ou da Mooca. Que diferença entre as mansões senhoriais da Avenida Paulista ou da Avenida Higienópolis e as habitações estandardizadas das "vilas" operárias de muitos trechos da área periférica! Ou, ainda, entre o confôrto dos edifícios de apartamentos e a sordidez dos porões mal arejados ou dos "cortiços" onde impera a promiscuidade. São o preço doloroso, mas inevitável, das grandes aglomerações urbanas. (AZEVEDO, 1958, p. 19).

A partir do século XX, a função econômica se consolidou na cidade de São Paulo, bem como nas atividades de seus habitantes. Assiste-se à verticalização²² acelerada e a urbanização da área central da cidade, como aponta Rolnik (2014), esta urbanização é marcada por investimentos em áreas mais valorizadas pelas elites e suas ações têm por objetivo dividir e segregar a população mais pobre. Esses investimentos podem ser observados em medidas como a instalação de água encanada, transporte público por bondes elétricos, iluminação pública e pavimentação das vias. Entretanto, “nos bairros populares, a paisagem misturava as chaminés de fábrica à alta densidade das vilas e cortiços, e a infraestrutura urbana se resumia praticamente ao bonde” (ROLNIK, 2014, p. 17).

O crescimento populacional acelerado na cidade de São Paulo e a consolidação das áreas centrais enquanto lugar da moradia elitizada, obrigou os trabalhadores a construir suas casas em bairros cada vez mais distantes do centro, onde

A possibilidade de autoconstrução e expansão ilimitada dos loteamentos era a resposta, do ponto de vista da economia imobiliária, à crise, na medida em que permitia os trabalhadores de baixa renda comprar um lote a prestações, num loteamento distante, e ir construindo pouco a pouco sua moradia, ao ritmo de sua capacidade de poupança e do emprego do tempo e esforço familiar no próprio trabalho de construção. Desta forma, viabiliza-se um aumento da oferta de moradia, num quadro de baixos salários.(ROLNIK, 2014, p, 34).

Com a construção das vias Presidente Dutra e Anchieta, na década de 1940, a expansão das zonas industriais da capital paulista se direciona ao ABC²³ paulista e a Guarulhos, em um processo de desconcentração industrial. As décadas seguintes são marcadas por uma intensa expansão urbana que leva à conurbação com Osasco,

²² De modo que, “[...] Onde a verticalização do uso residencial foi mais intensa, a população moradora diminuiu, reduzindo a densidade, e, conseqüentemente, “exportando” populações para periferias mais distantes, no próprio município, e no entorno metropolitano” (ROLNIK & FRÚGOLI JR. 2001, p. 45).

²³ Corresponde aos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema.

Taboão da Serra, Guarulhos e o ABC, que hoje compõem a região metropolitana (MARANGONI, 2017).

O processo de reprodução do espaço da metrópole revela um novo momento do processo produtivo, onde ramos da economia ganham nova importância e há uma redefinição do setor de serviços. Nesta nova economia, marcada pela desconcentração do setor produtivo e pela centralização de capital, o movimento de transformação do dinheiro em capital se dá através dos investimentos imobiliários (CARLOS, 2005). A nova dinâmica espacial se caracteriza pela força do mercado imobiliário, transformando o espaço em prol da especulação; atuação do Estado em mudanças na lei de zoneamento e provendo infra-estruturas; e formação da metrópole para os negócios (ibidem).

O movimento de expansão urbana nos padrões descritos incorpora tentacularmente centralidades e aglomerações em proximidade, com relações de complementaridade funcional, produção e consumo com a centralidade principal, facilitadas por uma crescente mobilidade de pessoas e mercadorias, e toda uma ordem de fluxos materiais e imateriais. (MOURA, 2016, p. 11).

Desse modo, segundo Carlos (2005), a urbanização é feita em função da reprodução econômica e se dá através de diferentes contradições. A primeira delas é a contradição entre integração - da metrópole na economia mundial - e a desintegração, que marca a cidade pelo empobrecimento das relações sociais e da vida cotidiana. A segunda contradição se dá entre valorização dos lugares enquanto valor de troca (constituindo-se como cidade de negócios) e o espaço enquanto valor de uso. Neste sentido, as aglomerações metropolitanas paulistas se caracterizam pelo aumento da desigualdade e dos conflitos sociais, da segregação e auto-segregação residencial, influenciados pela minimização da estrutura do Estado (MOURA, 2016).

Neste contexto, vemos em São Paulo, uma cidade marcada pela desigualdade territorial e que obriga um deslocamento cada vez maior de seus habitantes de suas casas até seu trabalho. Segundo Moura (2016), esta é uma das características presentes nas aglomerações urbanas, a mobilidade pendular entre os municípios e entre unidades regionais. Este fenômeno representa um tipo de deslocamento populacional de expressão nacional, predominantemente nas principais áreas metropolitanas (ibidem). A mobilidade pendular deve ser entendida como resultado do descompasso que se observa, nas aglomerações urbanas, entre as áreas de assentamento populacional e de localização das oportunidades de trabalho. As configurações da cidade mais dispersa, com conexões por meio da rede viária,

facilitam esse movimento pendular. Para Souza (2004), o que ocorre é uma desmetropolização relativa, onde cada vez mais as pessoas abandonam os núcleos metropolitanos em busca de uma melhor qualidade de vida em alguma cidade do entorno da região metropolitana, ao mesmo tempo que mantêm vínculos de trabalho com o núcleo metropolitano, exercendo um movimento pendular diário.

Neste cenário de expansão da metrópole, busca por postos de trabalho em áreas centrais, centralização do capital e limitação da oferta de loteamentos aos trabalhadores configura-se a expansão em direção à Zona Leste de São Paulo, alvo de diversas políticas públicas voltadas para conter a alta demanda dos trabalhadores por moradia e equipamentos de saúde e educação.

2.2A produção do espaço urbano da Zona Leste de São Paulo

O processo de expansão da metrópole paulista, ao longo do século XX, se deu através da transformação dos subúrbios do município de São Paulo em periferia urbana, de modo que a forma final da cidade é representada por espaços desiguais e formas socioespaciais complexas (OLIVEIRA, 2016). O avanço da urbanização foi marcado pela desordenada ocupação do solo, a qual as políticas públicas não foram capazes de acompanhar. Segundo Oliveira (2016, p. 05), ficou “a cargo das pessoas e dos especuladores do solo urbano esse papel de planejador físico-urbanístico dos espaços não ocupados.”. A marcha por uma cidade verticalizada, em especial nas áreas centrais, levou ao “início da ocupação das áreas mais distantes, à margem da via férrea acompanhando a instalação das indústrias e das vilas operárias, assim como aconteceu na direção leste da cidade (AZEVEDO, 1945; LEMOS & FRANÇA, 1999 apud OLIVEIRA, 2016, p. 06).

A expansão da ocupação da zona leste de São Paulo e a formação de sua periferia urbana se deu principalmente ligada à construção da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), uma vez que os bairros hoje existentes margeavam a EFCB, são eles a Penha, Itaquera e Lajeado, além dos contemporâneos municípios Poá, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Mogi das Cruzes (AZEVEDO, 1945). A construção da linha férrea possibilitou a ligação entre o leste da cidade e a área central através dos trilhos, de modo que o acesso facilitado permite a formação de uma nova relação dos trabalhadores com a cidade.

Segundo Azevedo (1945), a topografia favorável, sem grandes barreiras naturais, com vales e cursos d'água facilmente transponíveis, e facilidade em acessar

o Vale do Paraíba, tornou a região uma zona propícia de passagem, desde a exploração do ouro em Minas Gerais e ondas de bandeirantes até a construção da EFCB. A ocupação dos subúrbios ao leste do município ocorreu, a princípio, por funcionários da linha férrea, que atraíram outros moradores, entre eles alguns migrantes que iniciaram o que, por muito tempo, se caracterizou como a principal função das áreas suburbanas: a agricultura de subsistência e o pequeno comércio (OLIVEIRA, 2016).

Com o avanço da indústria do eixo central da cidade para áreas mais distantes e às margens da Estrada de Ferro - como os bairros do Brás, Belém e Mooca - houve um fomento de uma urbanização baseada na ocupação do espaço pelas indústrias e pelas vilas operárias. Desse modo, Azevedo (1945) define a porção leste do município, em especial os bairros de Itaquera e Poá, como subúrbios residenciais, onde a função residencial se sobrepõe à função agrícola e industrial.

A principal função desses subúrbios orientais é a função residencial. Seus moradores residem, em geral, em pequenas casas de tijolos, cobertas com telhas (materiais de fácil obtenção no próprio local), com três ou quatro cômodos, que se elevam no meio de terrenos de dimensões restritas, tendo ao lado, invariavelmente, o poço que fornece água e, muitas vezes, uma pequenina área cultivada com legumes e milho. Constituem exceções as grandes residências, com maior conforto, quase sempre de propriedade de moradores abastados que residem normalmente na Capital e as mantêm para os descansos do "week-end". (AZEVEDO, 1945, p. 156).

A urbanização da Zona Leste se consolidou em função dos trilhos, uma vez que a Linha Férrea garantiu o contato com o centro metropolitano em expansão. Os trabalhadores, afastados do centro em razão do alto preço do solo, procuraram os subúrbios para residir, uma vez que o valor dos loteamentos era mais baixo.

A Zona Leste foi ocupada a partir de uma constelação de núcleos que se espalhavam ao longo do antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, através do Vale do Paraíba. Esse eixo foi reforçado com a implantação da antiga ferrovia Central do Brasil (São Paulo – Rio de Janeiro) no final do século XIX. Essa estruturação revela a posição dos que vivem fora da cidade, do "lado de lá" da várzea do Carmo e da ferrovia Santos-Jundiaí, ao longo da qual se implantou um cinturão de indústrias, definindo uma forte barreira entre a cidade das elites e a ocupação periférica, ao longo do século XX, por moradias de trabalhadores em loteamentos irregulares ou clandestinos, casas autoconstruídas e conjuntos habitacionais construídos pelo poder público. (ROLNIK; FRÚGOLI JR, 2001, p. 44).

Até os anos 1940, a ZL era caracterizada por uma zona pouco urbanizada e uma área rural com função agrícola nos arredores de Itaquera e Lajeado, Lajeado, apontados por Azevedo (1945) como os dois núcleos de maior destaque na zona leste paulistana. A partir desta década, devido ao crescimento da forma urbana de São

Paulo, o povoamento e as transformações socioespaciais da região leste se intensificaram, com a formação de bairros-dormitórios.

Por mais que a porção leste se posicionasse como uma região em expansão e importante entreposto comercial, alguns problemas impediram o crescimento contínuo que já usufruíam outros bairros da capital. A escassez de empregos, a falta de asfaltamento, de esgotamento e de água encanada impediram o desenvolvimento durante muitos anos (OLIVEIRA, 2016, p. 13)

Com a expansão da mancha urbana acelerada, a urbanização se depara com políticas públicas ineficientes, gerando conflitos no processo de produção do espaço urbano da cidade. Por um lado, o centro e as novas áreas industriais receberam investimentos em infraestrutura, enquanto os subúrbios mais distantes cresceram em número de população, mas não acompanharam o mesmo modelo de desenvolvimento urbano da cidade. Segundo Azevedo (1945), o crescimento populacional somado à pouca oferta de trabalho na zona leste, fizeram com que a maioria dos habitantes dessa região da cidade trabalhassem na área central ou para lá se dirigissem a fim de vender seus produtos.

A partir da década de 1950, a metropolização da cidade de São Paulo se consolidou, acompanhando a consolidação da indústria e do comércio. Esse processo acarretou na urbanização de outras áreas da cidade, promovendo o preenchimento de vazios demográficos que separavam os núcleos existentes. Esses vazios se relacionam com o crescimento urbano ordenado, definido por Vasconcelos (2015), como estratégia do Estado e dos agentes fundiários de “deixar vazios urbanos na malha territorial para aumentar o valor das terras e, conseqüentemente, do uso do solo.” (ibidem, p. 30). A população à margem da metrópole, mas vivendo a contradição da mesma, encontrou problemas no oferecimento de serviços urbanos básicos, de modo que “os bairros foram crescendo “à margem da legalidade”, o que determinou o crescimento horizontal da cidade.” (OLIVEIRA, 2016, p. 14). O desenvolvimento de Itaquera vem a acompanhar todo o percurso de produção e ocupação do espaço até aqui exposto e este é o pano de fundo que nos ajuda a entender o papel desempenhado por Itaquera na formação da metrópole de São Paulo e em suas transformações mais recentes.

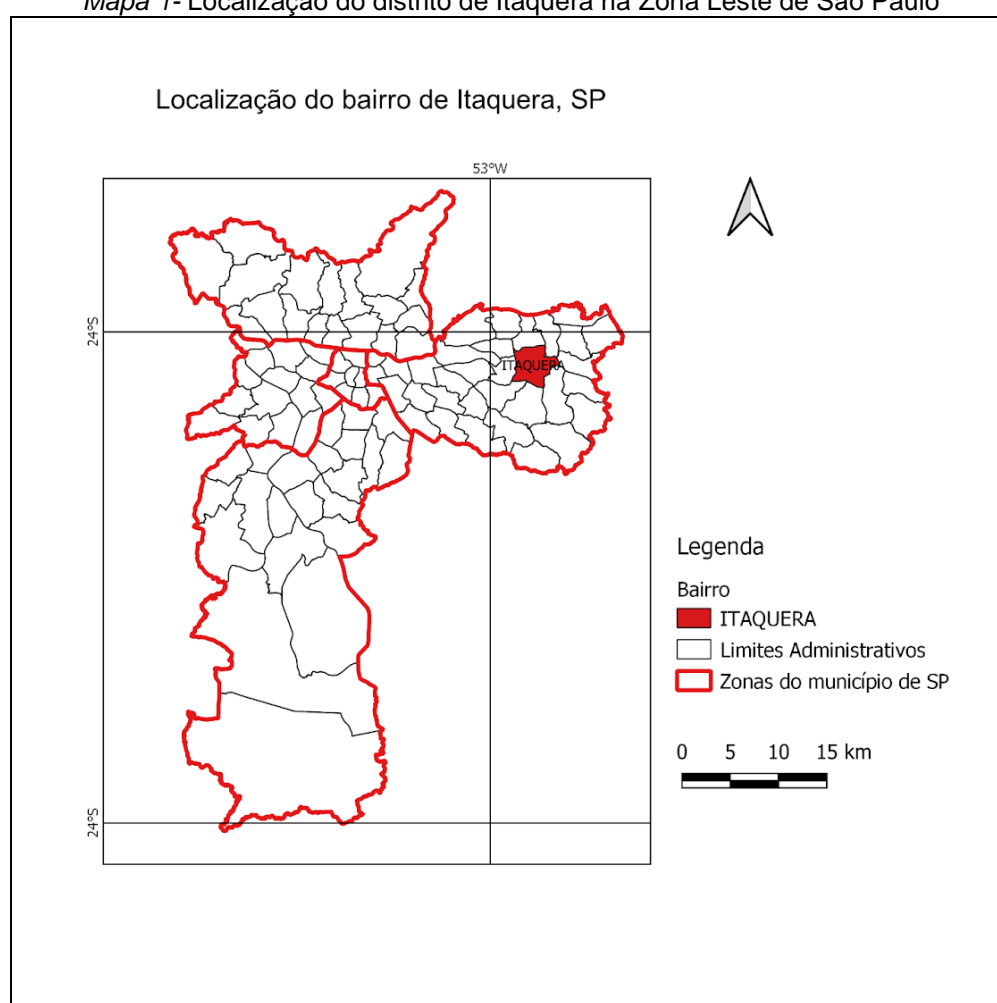
2.2.10 distrito de Itaquera

O bairro de Itaquera localiza-se na zona leste do município de São Paulo. Sua ocupação, como exposto por Azevedo (1945), se deu por chácaras onde a atividade

agrícola não se destacava como nas regiões vizinhas, sendo o bairro predominantemente residencial. Como antes pontuado, a ocupação acompanhou a ferrovia, na medida em que os moradores necessitavam do trem como meio de transporte para o centro do município, onde estavam seus postos de trabalho.

De fato, o ambiente semi-rural da região configurou-se como uma reserva de terras a serem incorporadas nos circuitos periféricos de valorização, expressos nos loteamentos e vilas, cujos terrenos seriam vendidos para a população de baixa renda. Esse processo foi lento e ocorreu fundamentalmente entre as décadas de 1940 e 1970. No alvorecer da ditadura militar, Itaquera era um bairro *periférico não consolidado*, ou seja, com pouca infraestrutura urbana. (D'ANDREA, 2012 - destaque do autor).

Mapa 1- Localização do distrito de Itaquera na Zona Leste de São Paulo



Fonte: GEOSAMPA. Org.: da autora

A partir do processo de ocupação acelerada do bairro e mediante a pouca estrutura urbana presente para atender a população, até o início da década 1980, surgiram as primeiras favelas na região (D'ANDREA, 2012). A população de Itaquera era composta essencialmente por operários e trabalhadores assalariados no comércio e no ramo de serviços. O aumento significativo de moradores em um curto período

acarretou problemas na dinâmica de ocupação do solo em função da baixa oferta de moradias disponíveis, intensificando a exclusão socioespacial.

A tabela 1, a seguir, evidencia a contradição do crescimento da metrópole, que, por um lado, necessita cada vez mais de áreas para abrigar estoque de mão de obra barata, mas por outro, não adota um planejamento urbano que vise oferecer condições mínimas de moradia nas áreas periféricas.

Tabela 1 - Domicílios desprovidos de serviços básicos em Itaquera e no Município de São Paulo em 1968.

*Em porcentagem total de domicílios existentes

| Área | Água | Esgoto | Pavimentação | Coleta de Lixo |
|------------------------|------|--------|--------------|----------------|
| Distrito de Itaquera | 89,3 | 96,9 | 87,5 | 71,9 |
| Município de São Paulo | 52,4 | 41,3 | 34,3 | 15,9 |

Fonte: OLIVEIRA, 2015, p. 69.

Com o agravamento dos problemas urbanos na periferia e o fenômeno da autoconstrução desordenado, a administração pública alavancou a produção em massa de moradias, a partir da construção das Companhias de Habitação Popular (COHABs), fenômeno urbanístico essencial para compreender a urbanização do bairro. A construção das COHABs I e II²⁴ na década de 1970 se relacionou diretamente com a inauguração da estação de metrô da linha 3-Vermelha no ano de 1979, e concluída em 1988. Estes dois projetos urbanísticos, um de mobilidade urbana e outro de habitação popular, consolidaram o principal papel atribuído ao distrito de Itaquera na metrópole paulista até os dias mais recentes, ou seja, como um bairro destinado à moradia de parte da classe trabalhadora da cidade.

A construção das COHABs no bairro de Itaquera se realiza no contexto de crise habitacional sofrida pelos trabalhadores da capital paulista. Segundo Damiani (1993) as forças políticas realizam-se socialmente, praticando o fracionamento do território, onde os conjuntos habitacionais aparecem como uma de suas ações mais vulgarizadas.

Embora de forma vulgarizada, o espaço dos grandes conjuntos é o eco do movimento moderno em arquitetura. A rigor, a representação do espaço, que norteia a arquitetura moderna, aparece, aqui, como caricatura. Aqui, na década de 70, a experiência proliferou, contrariando o que acontecia em

²⁴ COHAB I se refere ao Conjunto Habitacional Manoel de Nóbrega e José de Anchieta, enquanto a COHAB II se refere ao Conjunto Habitacional José Bonifácio.

outros países, e chegou a conjuntos de tamanhos descomunais, verdadeiras "cidades" de mais de 20 000 unidades. (DAMIANI, 1994, 98)

Assim, o espaço dos conjuntos habitacionais se realiza como face da deterioração do urbano, onde aparecem, principalmente, como solução habitacional de baixo custo e necessária para determinada parcela da população que viria a se concentrar em favelas e cortiços (DAMIANI, 1993). A construção das COHABs criou uma nova dinâmica entre o bairro de Itaquera e a região central da cidade, de um lado, pela grande quantidade de trabalhadores que se deslocam todos os dias para o trabalho, e por outro, por garantir certa diminuição de ocupações e cortiços, com áreas de autoconstrução nas áreas mais valorizadas da cidade.

Embora os conjuntos tenham sido construídos a fim de solucionar um problema urbano presente na cidade de São Paulo, Damiani (1993) destaca a realidade mais isolada que estas moradias representam, uma vez que o conjunto arquitetônico interno foi muito bem planejado, mas a ligação deste conjunto com o restante da cidade não se realiza. A construção das COHABs em Itaquera na década de 1970 não é aleatória. Segundo Damiani (1993), as autoridades locais apontaram a Zona Leste como a área mais propícia de São Paulo para a construção destes grandes conjuntos. "Além de enormes terrenos disponíveis, como região pobre e pouco desenvolvida [...] Uma componente de fixação desse desenvolvimento seria justamente a parte da implantação de soluções habitacionais'." (ibidem, p. 31).

A execução dos grandes projetos habitacionais em São Paulo foi contemporânea a uma política de terras que se destinava à agregação de novas áreas aos projetos da COHAB²⁵, onde buscava-se áreas de grandes dimensões, com menor preço; com declividades compatíveis ao teto orçamentário de terraplanagem, sujeita a melhoramentos públicos (como asfaltamento, instalação de iluminação pública e energia elétrica e água e esgoto) e que fosse acessível ao restante da cidade (DAMIANI, 1993). Diante desse *aproveitamento* de terras por parte do setor público, em uma cidade que cresce à base dos lucros de rendas fundiárias elevadas, a COHAB acaba por constituir um estoque de terras nos limites da cidade de São Paulo.

Vale ressaltar que, segundo Damiani (1993) a área original do projeto da COHAB I foi reduzida com finalidades institucionais, a fim de destinar parte dos terrenos de Itaquera para a Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô), em

²⁵ Processo Interno nº 688/82, sobre pesquisa de valores de áreas próximas às glebas da Cohab-SP. (DAMIANI, 1993).

1978; à Petrobrás, na construção de um oleoduto, que ocupou áreas destinadas, no primeiro momento, a logradouros públicos, de esportes e de lazer; à Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), para o prolongamento da Avenida Radial Leste; e, por último, outra área reservada à PMSP, cedida ao Corinthians Paulista, para a construção de um estádio na Zona Leste.

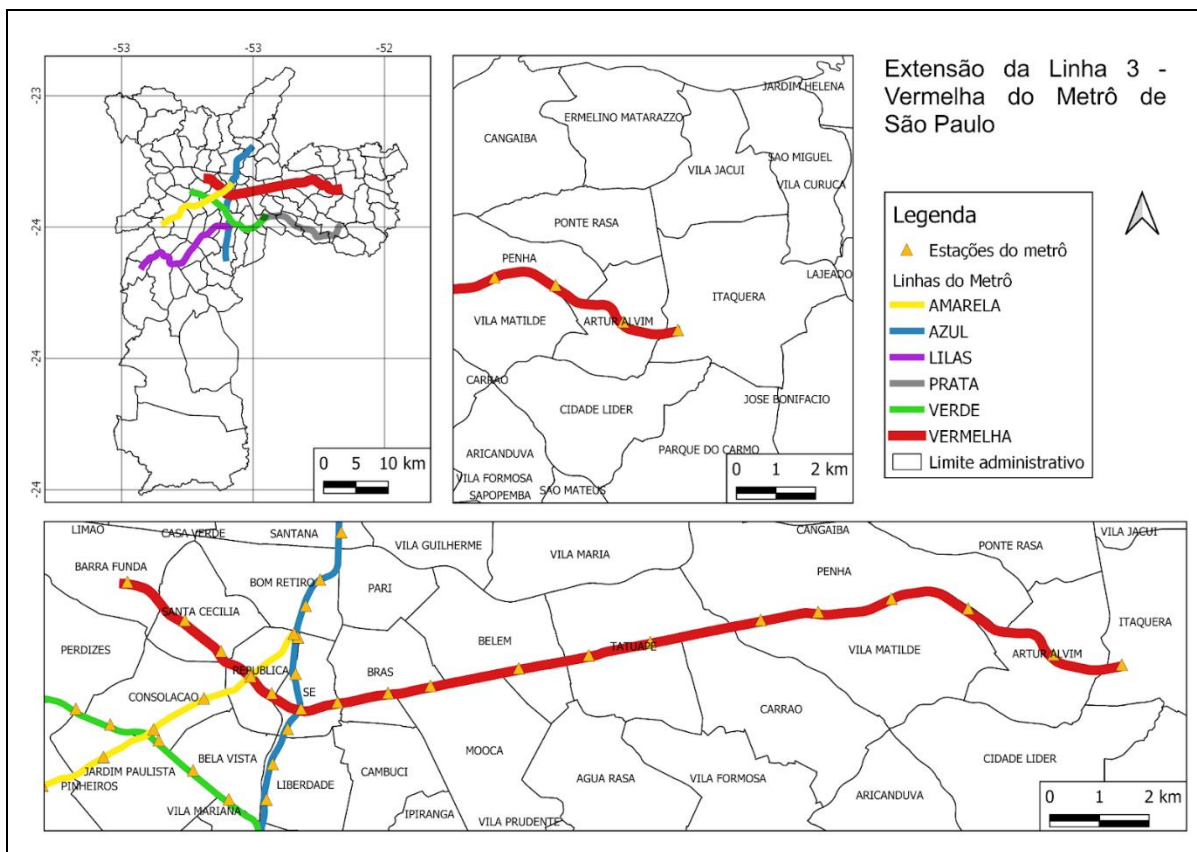
Do ponto de vista do acesso à cidade, a concentração de conjuntos habitacionais na Zona Leste de São Paulo, em especial em Itaquera, agravou as distâncias entre local de moradia e de trabalho, já que a região oferece relativamente menor quantidade de empregos, particularmente os industriais. Outros problemas marcam a produção do espaço de Itaquera direcionado pela execução das COHABs, como a perda de novos usos urbanos, além do dormitório, “a moradia não é só casa, é transporte, creche, lazer”, que são ameaçados com os adensamentos.” (DAMIANI, 1993, p. 116).

A chegada do metrô traz para Itaquera a possibilidade de maior mobilidade e mais rápido acesso ao centro e aos postos de trabalho de seus moradores, ao passo que, devido ao adensamento populacional cada vez mais acelerado e o volume de passageiros, também se mostra ineficiente para cumprir a demanda dos trabalhadores, de modo que não garante o transporte coletivo das centenas de milhares de moradores da região, que se desloca diariamente (DAMIANI, 1993).

A Linha 3 - Vermelha do metrô começou a ser construída em 1972, mas alcançou o bairro de Itaquera apenas em 1988, onde se consolidou como ponto final a leste a Estação Corinthians-Itaquera (RAMOS, 2017). Desta forma, o metrô referenda o bairro de Itaquera como centralidade da Zona Leste. O percurso leste avança, na maior parte de sua extensão, ao lado da linha 11-Coral da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), construída no século XIX, e da avenida Radial Leste, formando o único corredor trimodal da cidade (RAMALHOSO, 2020). A escolha de Itaquera como estação final da linha Leste-Oeste causou certa estranheza na época, muitos cidadãos questionaram os motivos da linha não chegar a Calmon Viana, destino final de uma outra proposta que esteve sob análise do poder público. O prefeito Miguel Colasuonno prestou esclarecimentos sobre o traçado escolhido, onde apontou “a demanda de passageiros e as boas condições para a construção de um pátio de manobras como as principais razões para a escolha de

Itaquera como estação terminal da linha” (Folha de São Paulo, 13/11/1974, p. 10 apud RAMALHOSO, 2020, p. 117).

Mapa 2- Linha 3 - Vermelha do Metrô em São Paulo



Fonte: GEOSAMPA. Org.: da autora.

A Linha 3 - Vermelha do metrô se apresenta sobrecarregada desde sua conclusão em 1988, sendo a primeira linha de metrô de São Paulo a operar com uma lotação acima do padrão de conforto recomendado internacionalmente²⁶ (ibidem). Após quase 20 anos da ineficiência apontada por Damiani (1993), os dados do censo estatístico, realizado pelo IBGE em 2010, apontam a gritante situação de superlotação e esgotamento de capacidade de transporte, que evidenciam as dificuldades de mobilidade da população da Zona Leste paulista (RAMALHOSO, 2020).

A inauguração da Estação Corinthians-Itaquera colocou o bairro em um patamar diferente no que tange à sua relação com o Centro da cidade, diminuindo, mas não resolvendo, o problema da segregação socioespacial. Por outro lado, a abertura da estação referendou Itaquera enquanto centralidade da zona leste.(D'ANDREA, 2012).

A ocupação urbana acelerada no bairro de Itaquera somada ao descaso e despreparo do poder público em tomar medidas adequadas de seguridade social, de

²⁶ Segundo o autor, o padrão internacional apresenta um limite de seis passageiros por metro quadrado; enquanto a linha transportava, em 2010, oito passageiros por metro quadrado (RAMALHOSO, 2020)

modo que a região é marcada por uma carência de serviços públicos básicos, como educação, saúde e transporte, corroboraram para a articulação de lutas por parte dos trabalhadores para garantir melhores condições de vida na cidade. As conquistas por parte dos moradores das COHABs fazem parte deste processo, onde a população pressionou o poder público por serviços essenciais como escolas, hospitais e postos de saúde, sendo em parte atendida. D'Andrea (2012) reforça que Itaquera sofre um apagamento constante de suas lutas e memórias, como jogo político a serviço do modo de produção capitalista, que está em constante reprodução. O acidente entre os trens ocorrido em 1987 é exemplo disso.

Em 1987, uma batida entre dois trens próximo à estação de Itaquera tirou a vida de mais de sessenta pessoas. Foi o maior acidente ferroviário da história de São Paulo. A causa: uma falha técnica, ocasionada pelo descaso do Estado brasileiro. As vítimas: trabalhadores, crianças, negros, nordestinos. Moradores da região. Pobres em geral. Aqueles que conformam uma massa sem vez, sem voz e sem possibilidade de contar sua própria história. Como síntese do episódio, no dia seguinte à tragédia os trens circulavam normalmente. São Paulo não pode parar. As engrenagens econômicas precisam seguir funcionando. A mão de obra barata da zona leste deveria apinhar-se na lata de sardinha e seguir sua marcha ao Centro. Aos mortos, nem um minuto de silêncio ou uma cruz na beira da via. A morte em massa no transporte foi apenas um acidente de percurso, silenciado e esquecido. (D'ANDREA, 2012).

A estruturação em torno de um forte eixo na direção Leste-Oeste, que liga o centro à periferia próxima e distante, reflete a história da exclusão territorial e apagamento social que teve lugar na cidade de São Paulo, em especial na Zona Leste (ROLNIK; FRÚGOLI JR, 2001). Assim, o poder público age de modo a regular o processo histórico de destinação socioeconômica dos territórios da cidade, que

[...] de um lado, concentrou investimentos no centro expandido protegendo, através de um complexo regulatório urbanístico, o patrimônio imobiliário da população de maior renda que vive nesse território e, de outro, **priorizou investimentos na periferia, basicamente em sistema viário e de transportes**, que servem para mover a população trabalhadora da "cidade-dormitório" para os espaços de trabalho. Durante décadas a região foi se urbanizando progressivamente,acompanhando o crescimento acelerado da população paulistana, com os maiores índices de crescimento demográfico do município, notadamente da população de baixa renda. (ROLNIK; FRÚGOLI JR, 2001, p. 45 - grifo nosso).

Ainda acerca de obras no setor de mobilidade urbana, o Município de São Paulo promulgou a Lei nº 13.872²⁷ de 12 de julho de 2004, que aprova a Operação Urbana Consorciada Rio Verde-Jacu. Entre as obras previstas pela Operação, destaca-se a finalização da construção da Avenida Jacu-Pêssego²⁸, porém, em função do

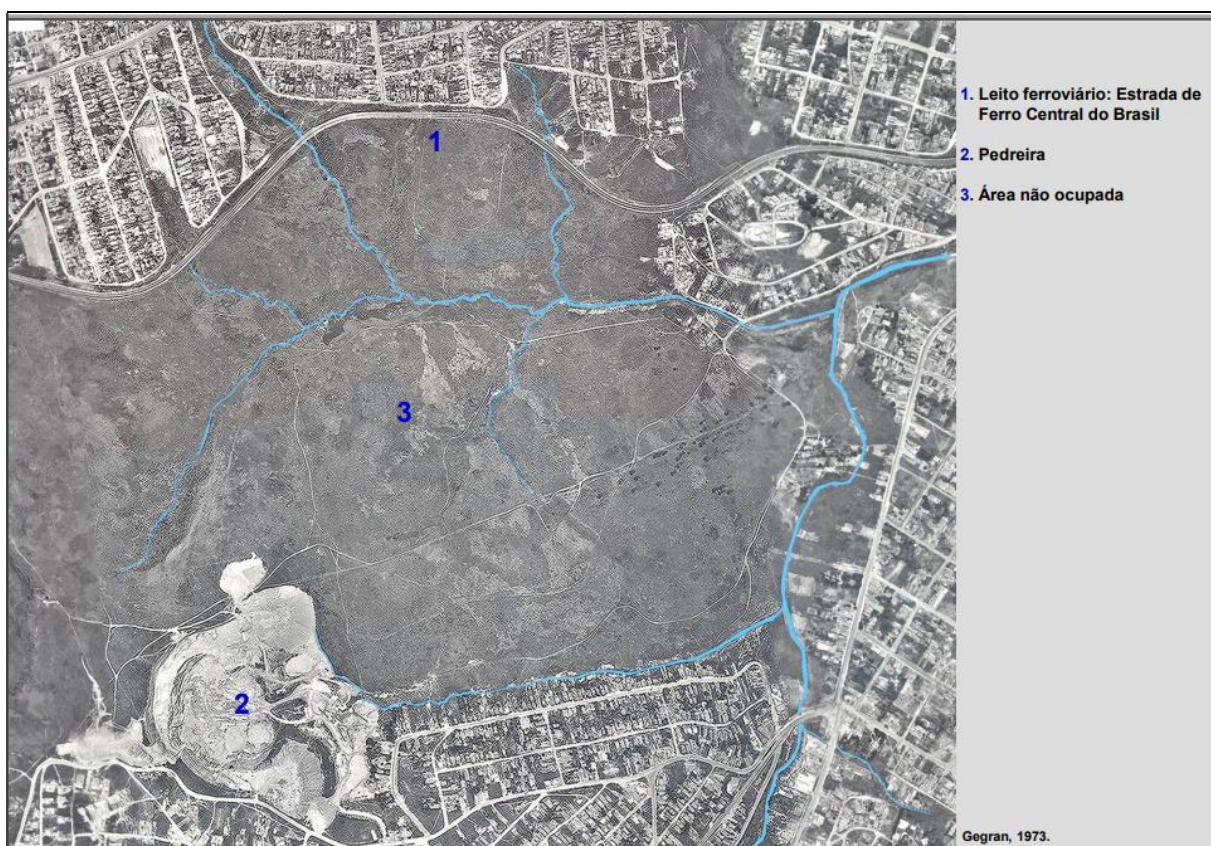
²⁷ Regulamentada pelo Decreto Nº 45.082, DE 4 DE AGOSTO 2004.

²⁸ Principal eixo viário de ligação entre o Aeroporto Internacional de Guarulhos e a Rodovia dos

desinteresse do mercado imobiliário e da não consolidação da região como um polo logístico, a obra foi abandonada pelo poder público e só foi retomada e finalizada no ano de 2012 (NOBRE, 2016).

As figuras abaixo ilustram a cronologia da ocupação de Itaquera, mais especificamente da área sudoeste, mais próxima ao centro da cidade de São Paulo e onde se concentraram as obras referentes à COHAB I e ao metrô.

Figura 1 - Ocupação em Itaquera no ano de 1970



Fonte: São Paulo (2012).

Figura 2- Ocupação em Itaquera no ano de 1980



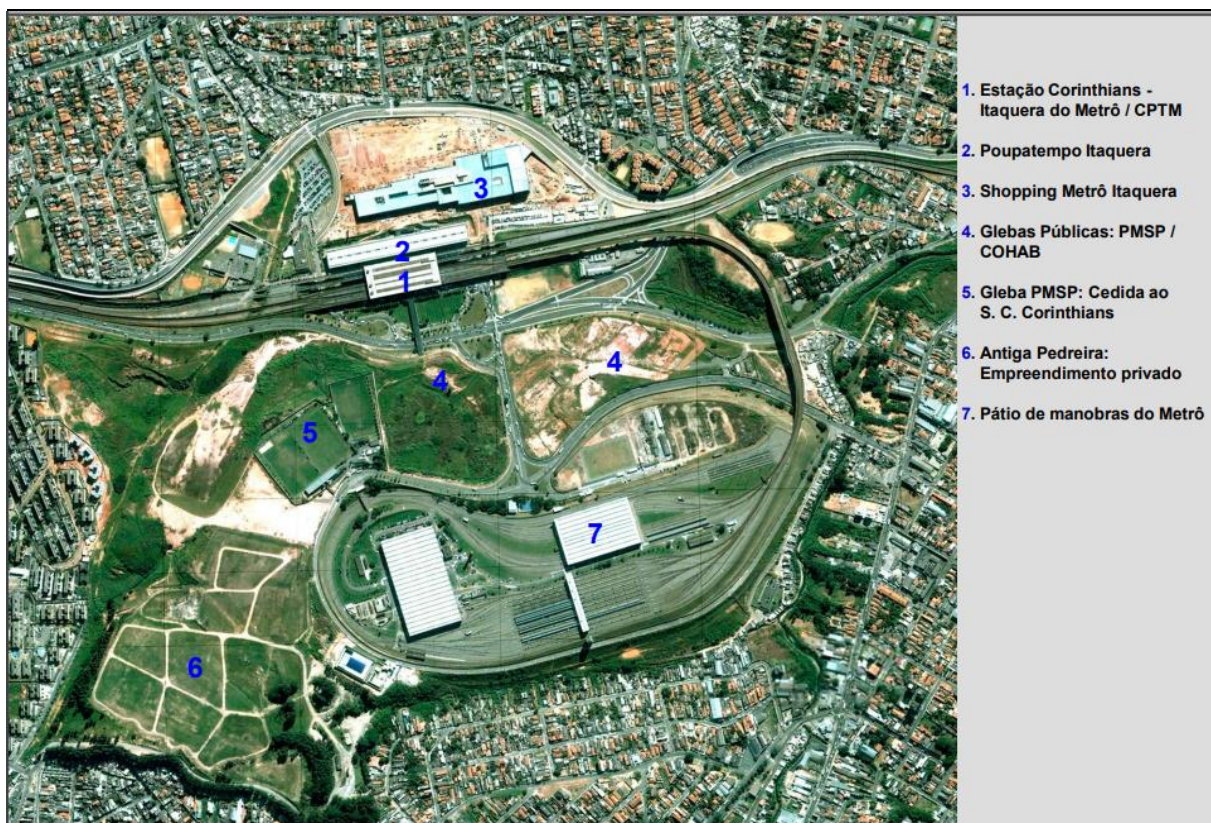
Fonte: São Paulo (2012).

Figura 3- Ocupação em Itaquera no ano de 2003



Fonte: São Paulo (2012).

Figura 4- Ocupação em Itaquera no ano de 2007



Fonte: São Paulo (2012).

Como se pode notar na sequência de figuras acima, até o início da década de 1970, há uma imensa área não ocupada no distrito de Itaquera, embora já cercada por uma densa urbanização horizontal, a ocupação destas glebas começa a se intensificar justamente a partir desse momento. O que se vê nas décadas seguintes é a ocupação paulatina dessa área, o que evidencia uma refuncionalização do espaço pela atribuição de novos usos, fundados na instalação de novos equipamentos urbanos relacionados à mobilidade e ao consumo, como é o caso da estação Corinthians-Itaquera e do Shopping Metrô Itaquera.

O Plano Regional de Itaquera definiu, também em 2004, uma série de Projetos Estratégicos Urbanos, com a finalidade de promover centralidades locais com atividades econômicas geradoras de empregos (NOBRE, 2016). Entre essas áreas de centralidade, destacamos a do Pólo Estação Corinthians-Itaquera Metrô, composta pela Estação Corinthians-Itaquera, inaugurada em 1989; pelo Poupatempo, inaugurado em 2000; o Shopping Metrô Itaquera, maior centro comercial da região, construído em 2007 (ibidem). Nesse mesmo ano, a Prefeitura promulgou a Lei nº 14654 de 20 de dezembro, que dispõe sobre o programa de incentivos seletivos para

a região da Zona Leste de São Paulo, garantindo benefícios fiscais na atração de atividades econômicas geradoras de emprego; esta lei teve papel fundamental na escolha da construção do estádio em Itaquera para sediar a abertura do megaevento esportivo realizado em 2014.

De acordo com dados retirados da Pesquisa Origem e Destino realizada pelo metrô de São Paulo em 2007, a Zona Leste é a região com maior número de habitantes da cidade, com mais de quatro milhões de habitantes e também a maior densidade populacional. Apesar disso, ela é a região com menor índice de densidade de emprego, mostrando que a população que mora lá tem que se deslocar para outros centros para conseguir trabalhar. Outro ponto a se destacar é que a densidade construtiva da Zona Leste se encontra em melhores condições nas regiões mais próximas ao centro da cidade e na região em estudo, Itaquera, encontram-se as famílias com menor renda (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013).

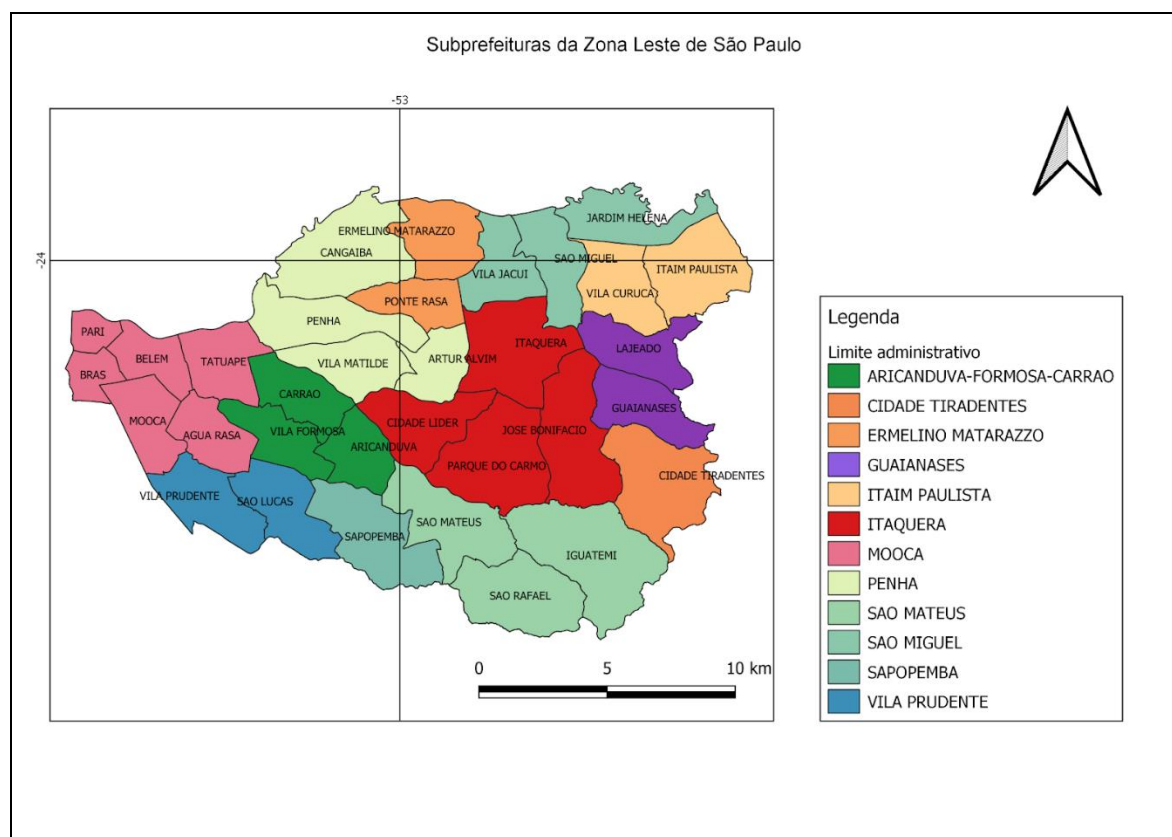
Atualmente, o distrito de Itaquera faz parte da subprefeitura de Itaquera, a qual compreende os distritos Cidade Líder, Itaquera, José Bonifácio e Parque do Carmo. Sendo a quarta maior subprefeitura em tamanho da população, segundo os dados do censo demográfico do IBGE realizado em 2010.

Tabela 2- Dados demográficos dos distritos pertencentes à subprefeitura de Itaquera

| <i>Subprefeitura</i> | <i>Distritos</i> | <i>Área (km²)</i> | <i>População (2010)</i> | <i>Densidade demográfica (Hab/km²)</i> |
|----------------------|------------------|------------------------------|-------------------------|---|
| Itaquera | Cidade Líder | 10,20 | 124.597 | 12.411 |
| | Itaquera | 14,60 | 204.871 | 14.032 |
| | José Bonifácio | 14,10 | 124.122 | 8.803 |
| | Parque do Carmo | 15,40 | 68.258 | 4.432 |
| | Total | 54,30 | 523.848 | 9.647 |

Fonte: Prefeitura de São Paulo (2022)

Mapa 3- Divisão administrativa atual da Zona Leste de São Paulo



Fonte: GEOSAMPA. Org.: da autora

Os dados disponíveis na Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis²⁹ revelam que até o ano de 2010, o distrito de Itaquera não dispunha de museus, teatros e salas de shows e concertos, além de indicadores culturais baixíssimos em relação à disponibilidade de livros e bibliotecas públicas, equipamentos culturais públicos, equipamentos esportivos e casas de cultura. Do ponto de vista da educação, temos uma média de 65% da população alfabetizada até os 8 anos de idade, mas também indicadores consideráveis de evasão escolar e reprovações nos anos iniciais e ensino médio. Em relação aos equipamentos de saúde, temos 0,39 equipamentos/10.000 habitantes, o que demonstra uma condição insustentável de acesso à serviços públicos de saúde. No que se refere a taxa de empregos disponíveis, Itaquera apresenta aproximadamente 1.200 vagas de emprego/10 mil habitantes, de modo que grande parte da população se desloca para trabalhar em outros distritos de São Paulo e municípios da Região Metropolitana.

²⁹ Os dados organizados nesta plataforma têm como fonte o Censo Demográfico do IBGE 2010; Ministério do Trabalho e Emprego/Rais; Secretaria Municipal de Cultura; Secretaria Municipal da Saúde; Ministério da Saúde/DATASUS; Fundação Seade.

O exposto contexto de formação socioterritorial de Itaquera se faz necessário para compreender as implicações espaciais da realização da Copa do Mundo FIFA 2014. As grandes intervenções urbanas no bairro, como a construção das COHABs e a chegada do Metrô, se somam ao anúncio do bairro como sede de abertura da Copa, colocando Itaquera diante de um planejamento urbano completamente novo e acelerado, de construção do estádio e reforma das vias públicas, como veremos a seguir.

3 CAPÍTULO 03 COPA DO MUNDO FIFA 2014 E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO DISTRITO DE ITAQUERA, SP.

A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil envolveu um processo de requalificação do espaço urbano, onde capitais internacionais “especializados” no urbanismo do espetáculo se reuniram, utilizando como álibi os megaeventos esportivos, culturais e tecnológicos, a fim de lucrar por meio do endividamento, especulação imobiliária e gentrificação de áreas específicas da cidade (MARICATO, 2014). Esse processo encontra apoio na construção de um discurso de legado para as cidades-sedes, o qual coloca a dilapidação do fundo público e a realização de projetos incompletos como benéficos a longo prazo para toda a população.

Como foi apresentado, a Copa do Mundo em São Paulo teve seu epicentro no bairro de Itaquera, realizando a oportunidade ideal de reprodução do capital através da construção civil e de obras de revitalização urbana. Em Itaquera, a construção da Neo Química Arena e as reformas das vias de circulação e do terminal de ônibus marcaram a vida dos moradores durante e após a Copa, o que fez com que o bairro de Itaquera passasse por uma ressignificação de seu papel. Entretanto, para uns se apresentava como lugar da reprodução da vida e do cotidiano, para outros foi alvo da especulação urbana, de investimentos públicos e privados e palco de um dos maiores eventos esportivos internacionais.

O que fica depois de quase uma década na qual as transformações começaram a acontecer de forma acelerada no bairro? O que se alterou na reprodução da vida cotidiana e qual o papel do legado da Copa neste processo? Este capítulo propõe analisar de modo crítico as transformações espaciais impulsionadas pela Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera, de modo a compreender o processo de produção do espaço urbano no contexto neoliberal.

3.1 A realização da Copa do Mundo na Zona Leste de São Paulo

A escolha de São Paulo para a realização da abertura da Copa do Mundo, diz respeito à sua importância global e às estratégias territoriais para que a cidade adquirisse maior visibilidade e reafirmação de sua centralidade na rede urbana nacional. A cidade de São Paulo, assim como as outras cidades-sedes de abertura das edições anteriores da Copa, como Chicago (1994), Paris (1998), Seul (2002),

Munique (2006) e Johannesburgo (2010), é a cidade com o maior PIB do país, sendo o centro financeiro e econômico (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013). Além disso, todas essas cidades têm em comum o aspecto da diversidade de sua população e o recebimento de fluxos de turistas ao longo do ano. A escolha das cidades-sede e dos bairros onde a Copa se realizaria convergiu para um movimento político de reordenamento territorial e *marketing* urbano (RAMOS, 2019).

Diante dos impedimentos à realização da abertura da Copa do Mundo no estádio Cícero Pompeu de Toledo - Morumbi -, o Sport Club Corinthians anuncia um acordo com a construtora Odebrecht para a construção do seu estádio, no bairro de Itaquera, Zona Leste de São Paulo. Para além da oportunidade da construção de um estádio para o Corinthians, o argumento para a realização dos jogos em Itaquera destacava ser esta região que concentra o maior número de moradores de São Paulo e apresenta déficits de investimentos (D'ANDREA, 2013).

O anúncio foi realizado em setembro de 2010, data de comemoração do centenário do clube e “Inicialmente o orçamento seria de R\$ 335 milhões, com financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que reservara uma linha de crédito para as obras da Copa do Mundo” (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013). Assim, o

[...] estádio, a Arena de Itaquera, localizado no bairro de mesmo nome na zona leste do município, está sendo construído pelo Sport Club Corinthians, clube paulista cuja segunda maior torcida do país clama a anos por uma ‘casa própria’, de forma que sua construção alia interesses em diversas escalas, envolvendo os responsáveis pelo Mundial e pela gestão do clube, além de contar com o maciço apoio de sua torcida graças ao apelo popular do time (GEISE, 2013, p. 1-2).

A partir da decisão de que um novo estádio seria construído em Itaquera para sediar o megaevento em 2014, planejamentos e promessas urbanísticas começaram a ser feitas, pautando-se no discurso de legado. O discurso do legado deixado pela Copa, como veremos, garantiu o apoio de diversas frentes da sociedade no gasto exorbitante e nas medidas de exceção adotadas durante a execução do evento. A estimativa do governo, dos organizadores e dos idealizadores do estádio era de que o evento traria melhorias diretamente nos setores de infraestrutura, imobiliário e econômico (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013).

O discurso do legado justifica a maciça participação pública para a realização de megaeventos, que no caso do Brasil apela ao orgulho nacional do país do futebol, da hospitalidade e da festa, deixando promessas vazias e planos descompromissados que não encaram as questões mais

urgentes que assolam o país, que sofre com uma brutal desigualdade social (GEISE, 2013, p. 2).

Com o anúncio da Copa do Mundo, o bairro de Itaquera, até então marginalizado e retrato de uma periferia autoconstruída, ganha uma nova perspectiva. Itaquera passa a atrair com mais êxito os interesses do mercado imobiliário e as disputas pelo espaço mudaram de forma e escala, provocando alterações profundas na paisagem urbana e na dinâmica socioespacial. Juntamente às novas formas de reprodução do capital, a perspectiva de sediar um megaevento resgata a autoestima da população local e torna-se forte elemento de manipulação ideológica (GEISE, 2013).

A questão principal é a forma como o estádio do Corinthians em Itaquera está sendo imposto. [...] A partir dessa costura, setores desejosos de que o Brasil sedie os jogos, principalmente pelos ganhos financeiros decorrentes, passaram a ter o apoio acrítico de um importante ator no cenário futebolístico – a torcida do Corinthians – e de um ator social cada vez mais importante: o morador da zona leste (D'ANDREA, 2012).

O plano inicial elencou, para além da construção da Arena, melhorias nas avenidas que cercam o estádio, Radial Leste e Jacu Pêssego, no metrô e na linha de trem, além da diminuição da criminalidade. No setor econômico se esperava uma maior geração de empregos, aumento do PIB e do potencial de consumo. A Prefeitura do Município de São Paulo, juntamente com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) e a Assessoria Técnica de Operação Urbana (ATOU), desenvolveram, e publicaram em setembro de 2012, as diretrizes de projeto urbanístico para a realização do Polo Institucional Itaquera. O objetivo do programa era a “implantação de equipamentos públicos, por meio de parcerias com instituições públicas e privadas, para atendimento direto às demandas da região, aproximando no tempo e no espaço os moradores das suas atividades cotidianas” (SÃO PAULO, 2012). Assim, o projeto englobou uma breve caracterização da área, seguido de propostas de intervenções urbanas ligadas à rede de transportes e de novos equipamentos urbanos (além de planos e projetos relacionados, como a Operação Urbana Rio Verde Jacu) e, por fim, a proposta urbana a ser executada para a Copa do Mundo FIFA 2014.

Parte-se do pressuposto de que há uma oferta de grandes glebas vazias públicas em área de privilegiada acessibilidade, somada a oportunidade de negociação de áreas da COHAB e da PMSP para futuras concessões a instituições e outros órgãos públicos estaduais e municipais. Assim, o projeto procurou

1. Adotar programa de equipamentos públicos com atendimento direto às demandas da região, explorando o potencial de centralidade da área (otimização da infra-estrutura e da posição estratégica para fins públicos).
2. Adotar como unidade de projeto urbanístico o conjunto de glebas (e não cada gleba isolada).
3. Compatibilizar elementos de escala regional / metropolitana com local (sistema viário).
4. Explorar potencial do programa de ocupação como elemento de integração e interface com o entorno (configuração, escala, usos e desenho de borda).
5. Explorar composição do programa de ocupação que maximize os usos do conjunto de glebas (ex. pólo institucional educacional voltado à formação e capacitação).
6. Prover ocupação com máximo de urbanidade para pedestres, explorando o potencial de acessibilidade por transporte público coletivo de massa (SÃO PAULO, 2012, grifo nosso).

Diante das ações urbanísticas pensadas para o desenvolvimento de Itaquera, a proposta do projeto urbanístico resultou no Plano Geral do Polo Institucional Itaquera retratado na Figura 05.

Figura 5 - Plano Geral do Polo Institucional Itaquera



Fonte: São Paulo (2012).

Vale ressaltar que quando o Polo Institucional Itaquera foi projetado, a construção da Neo Química Arena já havia começado, bem como outras obras de apoio seguindo as exigências da FIFA para a realização da Copa do Mundo em 2014. Ainda assim, o projeto se dedicou a planejar a execução do estádio e do entorno, uma vez que a presença da Arena reforçaria a centralidade (Figura 06) da região sudoeste

de Itaquera, que mantém estreitos laços com a região central da cidade através das vias de circulação e principalmente do metrô.

Figura 6- Nova Centralidade em Itaquera



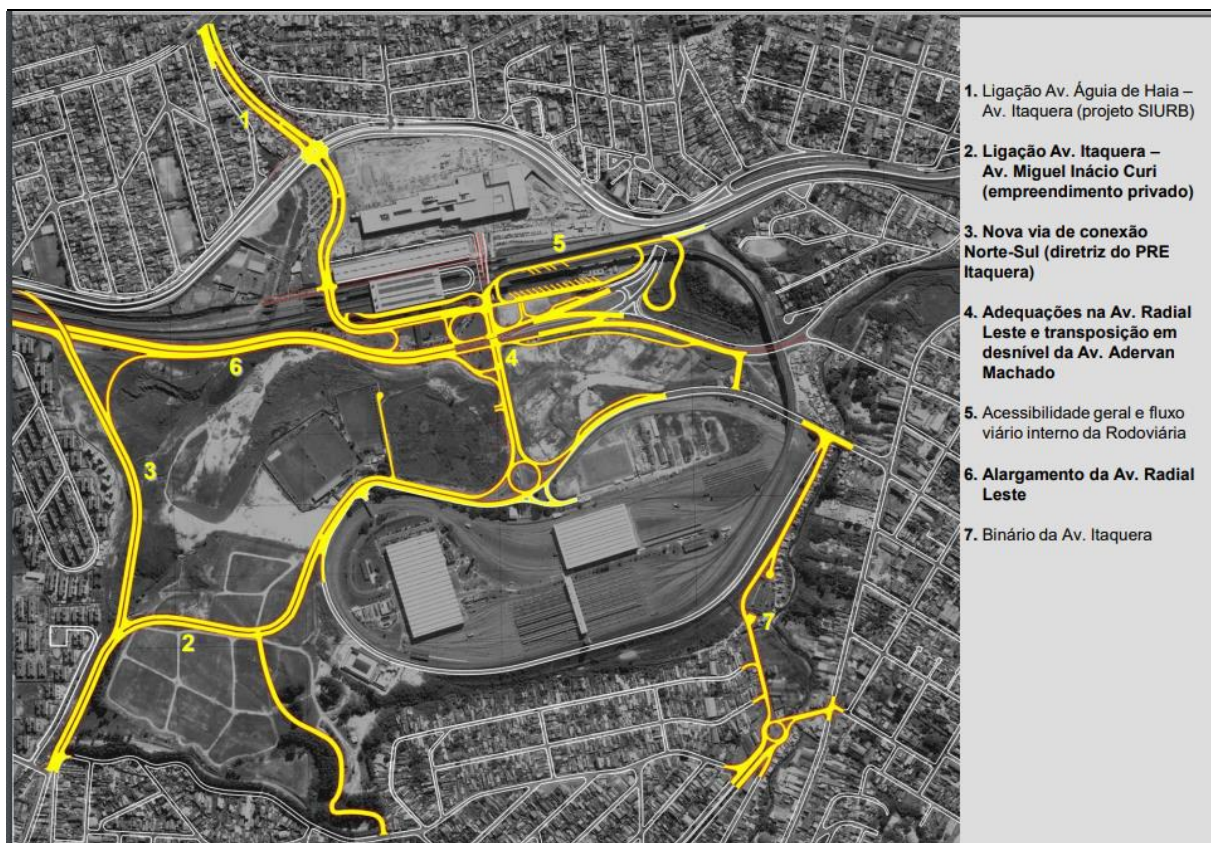
Fonte: Google Earth, 2022.

A noção de centro e periferia se apresenta de forma contraditória, de modo que identificamos áreas de centralidade dentro da periferia. Neste processo, interessa ao poder público e às instituições privadas financiadoras que ocorra a valorização de áreas mais afastadas, uma vez que o preço do solo é mais baixo em função do afastamento da região central da cidade, mas que se converte em especulação imobiliária, aumento do preço dos aluguéis e oportunidades de lucro completamente novas.

Em 2008 foi realizado um projeto em Itaquera para a implementação de melhorias no sistema viário, de forma a interligar toda a região sudoeste com o centro velho de Itaquera e com a região central da cidade de São Paulo. O plano previa a construção e/ou melhoramento de, pelo menos, sete vias, como mostra a figura 6. Quatro anos depois, o projeto não havia sido finalizado como planejado em 2008 e mostrava-se um problema para a realização do megaevento em 2014. O sistema viário encontrava-se incompleto e procurava-se dar uma função às glebas desocupadas ao redor da área destinada ao Sport Club Corinthians. Assim, em 2012, a SMDU lança um projeto (figuras 8 e 9) de Polo Institucional voltado a atender demandas mais

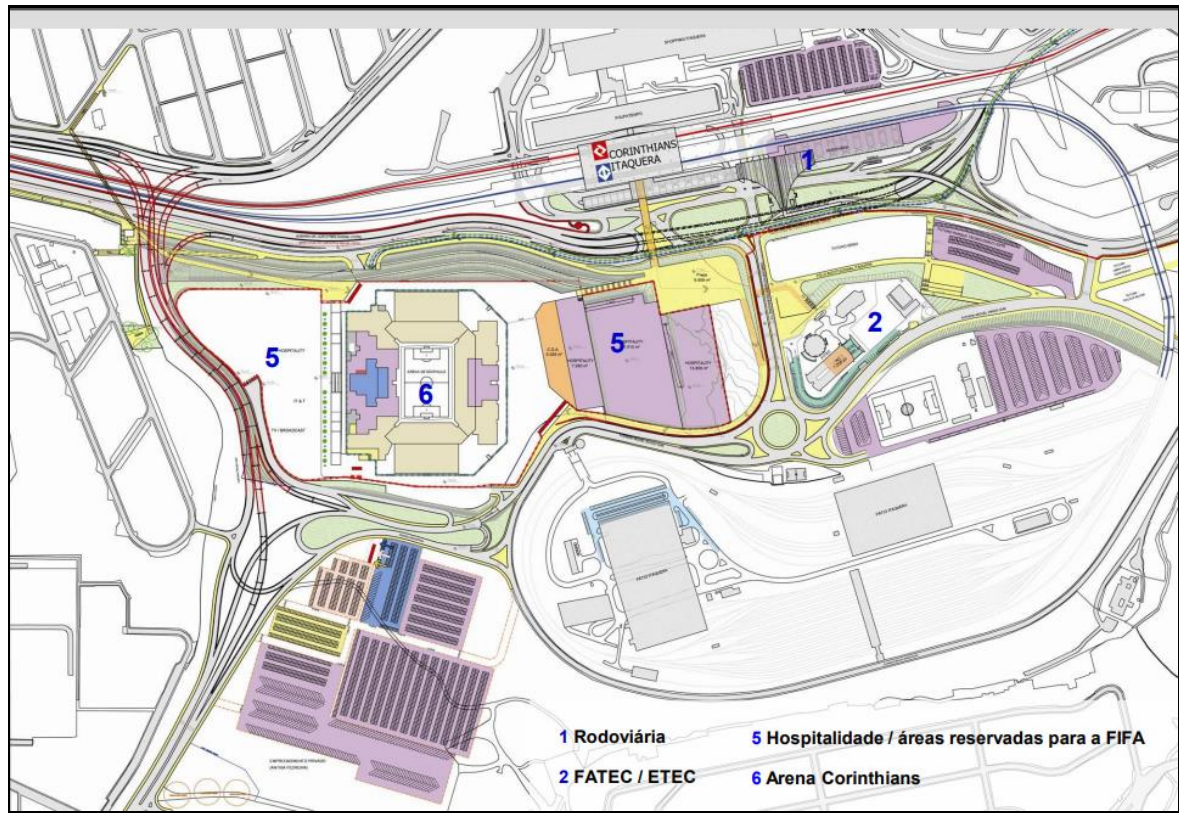
urgentes do megaevento, como espaços destinados à hospitalidade e às exigências da FIFA, circulação e a própria arena para realização dos jogos.

Figura 7- Sistema viário: intervenções propostas (2008)



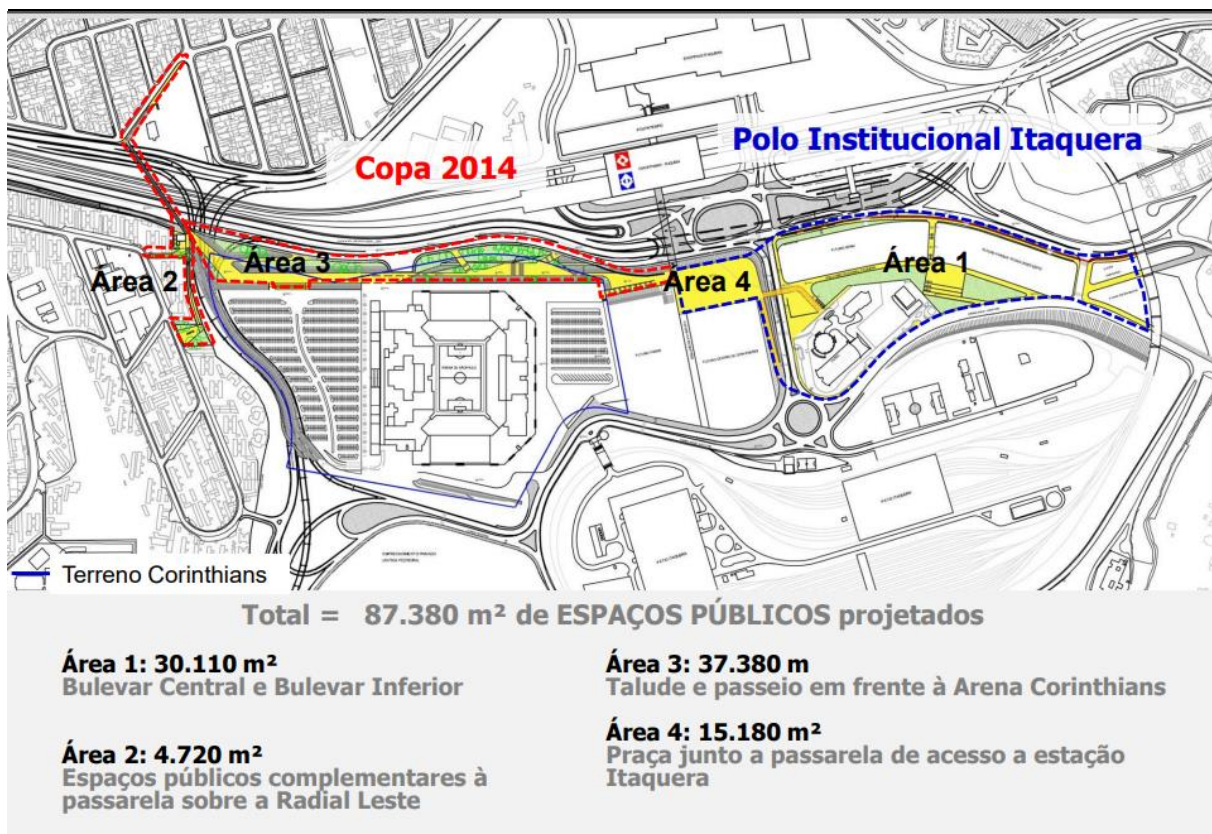
Fonte: São Paulo (2012).

Figura 8- Proposta do Polo Institucional Itaquera para a Copa 2014



Fonte: São Paulo (2012).

Figura 9 - Espaços públicos do Polo Institucional Itaquera



Fonte: São Paulo (2012).

Embora algumas das obras acima já tivessem sido planejadas em anos anteriores, como a Operação Urbana Rio Verde-Jacu, em 2004, apenas com as obras da Copa já iniciadas estas obras receberam atenção e interesse do mercado imobiliário, uma vez que se concretizaram condições mais favoráveis para a reprodução do capital (NOBRE, 2016). As obras de mobilidade apresentam caráter contraditório, uma vez que o estádio se localiza a menos de um quilômetro de distância da estação do metrô e do terminal de ônibus, o que favorece a utilização do transporte público. Porém, as obras se voltam para a locomoção por automóveis particulares, em um bairro em que este não é o principal meio de locomoção da população. Segundo a Pesquisa Origem e Destino de 2007³⁰, realizada pelo Metrô, das 900 mil viagens produzidas diariamente na subprefeitura de Itaquera, apenas 196 mil são feitas de carro.

A Lei de Incentivos Seletivos de 2007 (LEI Nº 14.654)³¹ com objetivo de promover e fomentar o desenvolvimento acelerado da Zona Leste do Município de

³⁰ Pesquisa Origem e Destino (POD) 2007, Metrô

³¹ Disponível em: < <http://leismunicipa.is/aktce> >. Acesso em 29 jul. 2022.

São Paulo foi elemento essencial para a construção da Arena Corinthians e no acordo com a construtora Odebrecht para a realização do empreendimento.

Em 2011 foi assinado um contrato para a construção da Arena Corinthians, com custo estimado em R\$ 820 milhões, metade dos quais financiado por um empréstimo do BNDES e a outra metade pelos Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento, títulos de isenção fiscal de vários impostos municipais. Foi constituída a Arena Fundo de Investimento Imobiliário - FII, cujo maior cotista é a construtora Odebrecht, para viabilização das obras e pagamento do empréstimo. Toda a receita do estádio com bilheteria, direitos comerciais e autorais será destinada ao fundo para pagamento da dívida, com estimativa a ser quitada em sete anos (NOBRE, 2016, p. 376).

As obras aconteceram de forma acelerada, uma vez que precisavam estar finalizadas em 2014, nos padrões exigidos pela FIFA. Segundo Nobre (2016), logo após o início das obras, ocorreu uma série de problemas, como a remoção de dutos da Petrobrás que passavam pelo terreno e dois acidentes, um em novembro de 2013 e outro em março de 2014, onde dois operários morreram em serviço.

Não só a construção do estádio, mas também de outras obras, como a construção do Parque Linear Rio Verde, ameaçaram o direito à moradia de diversas famílias, mobilizando a população local e a comunidade acadêmica a questionarem a viabilidade de todos os empreendimentos e investimentos realizados e o discurso de legado que os acompanhou. Contrapondo a fala do então secretário de Desenvolvimento Econômico, José Alexandre Sanches, que afirmou que a obra do estádio em Itaquera acelerou um processo de desenvolvimento econômico para a região leste da cidade, Geise coloca que

Ao que foi observado até agora, nenhuma melhoria pode ser vista. Pelo contrário, a paisagem no entorno imediato da nova arena, se não permanece igual, está pior: é o caso da favela Vila Progresso, cujos moradores tiveram suas casas demolidas e, para aqueles que permaneceram no lugar, sofrem de problemas estruturais além do convívio com infiltrações, escombros e o medo de serem os próximos a perderem suas casas. As obras do Parque Linear Rio Verde se encontram adiantadas, mas ao invés de trazer tranquilidade aos moradores do entorno, que poderão finalmente contar com equipamento público de lazer, traz insegurança, pois sua construção não abarca uma política habitacional compensatória para a população que será desapropriada das favelas que se encontram no perímetro previsto para o parque, de forma que as incertezas superam qualquer possível retorno aos moradores que conseguem lá permanecer (GEISE, 2013, p. 7-8).

A respeito da Viela da Paz, favela que resiste na zona leste há mais de vinte anos e se localiza próxima a área destinada ao estádio, Marangoni (2017) afirma que embora os moradores tenham enfrentado transtornos e ameaças de despejo, de maneira concreta os moradores nunca foram expulsos das áreas ocupadas para a construção de empreendimentos relacionados à Copa. Apesar disso, as intimidações

por parte do poder público foram constantes desde o anúncio da Copa, acompanhadas pelo julgamento de serem vistos como *estorvos visuais* que desconfiguram a paisagem planejada para o cenário internacional.

Desse modo, entendemos que todas as ações realizadas em função da Copa possuíam um caráter pontual e comercial, de forma que os aparelhos que passaram a existir na região dizem respeito mais a complexos viários e centros comerciais, aliados a construção de condomínios residenciais destinados a classe média baixa capitaneados por empresas de habitação privadas (MARANGONI, 2017).

De fato, o estádio poderia fazer parte de um projeto realmente sério de desenvolvimento da região, que beneficiasse os moradores também enquanto habitantes da cidade e trabalhadores, e não só em sua face torcedora. O problema do estádio é ele servir como catalisador de apoio a uma Copa que está longe de ser em benefício das classes populares. Pelo contrário, o evento referenda o processo social de apagamento do passado operário e nordestino do bairro de Itaquera. Cabe lembrar que não se é contra processos de urbanização e melhorias urbanas, mas a pergunta a ser feita é: de fato são intervenções que visam à melhoria das condições urbanas para os atuais moradores ou são intervenções pontuais que reatualizarão os processos de expulsão e segregação socioespacial? (D'ANDREA, 2012).

Refletir sobre a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 em Itaquera é se deparar inúmeras vezes com a contradição entre os discursos dos órgãos oficiais e dos empreendedores responsáveis pelos investimentos na construção civil e a percepção da população, dos Comitês Populares e da produção acadêmica. O discurso neoliberal cativa e encontra meios de se materializar no espaço, cria-se uma tensão na cidade onde os interesses populares são colocados de lado a favor de um melhor aproveitamento especulativo do espaço público. Neste sentido, é importante refletir sobre o legado do megaevento esportivo e os impactos vivenciados pela população local, para além de uma análise de perdas e ganhos financeiros.

3.2A disputa pelo legado dos megaeventos esportivos em Itaquera

A intensificação do debate sobre megaeventos traz consigo a discussão sobre os legados desses eventos, uma vez que os megaeventos esportivos são entendidos como um meio de desenvolvimento acelerado para o país sede (CURI, 2013). Os megaeventos apresentam

[...] grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (HALL, 2006, p. 59).

Para além da utilidade econômica, os megaeventos são lugar de troca de informações e afirmação de *status* e identidade, e, por isso, seu legado é algo complexo que não pode ser resumido em dados fiscais e econômicos.

Em face dos altos custos diretos e indiretos para sua realização e do potencial de impacto, qualquer que seja ele, de um megaevento na região onde ele é realizado, a idéia de legado, ou seja, dos benefícios gerados em contraposição aos custos necessários, ocupa lugar central nesta discussão (TAVARES, 2011, p. 19).

A captação de eventos se tornou importante instrumento na geração de fluxo de turistas para as cidades, bem como na captação de investimentos. Os legados e efeitos dos megaeventos são amplamente difundidos pelos gestores públicos e pelas empresas em prol de resultados positivos, porém é preciso considerar que esses legados dependem do controle de políticas públicas, através da realização do estado de exceção, da eliminação de conflito aparente e das condições do exercício da cidadania (RAMOS, 2017).

A partir de uma revisão da literatura é possível elencar os principais legados esperados na realização de um megaevento, seja na fase de candidatura do evento ou do evento em si. O quadro 2 tenta reunir alguns tipos de legados citados, a fim de direcionar o olhar para Itaquera no entendimento do alcance ou não desses legados.

Quadro 2 - Tipos de legados esperados dos megaeventos esportivos

| Classes | Legados esperados |
|----------------|---|
| O evento em si | construções esportivas: estádios, arenas e outros equipamentos |
| | construções de infra-estrutura da cidade, como obras de transporte, alojamento de atletas, expansão da rede hoteleira |
| | compras de equipamentos esportivos, de segurança, telecomunicações, informática |
| | ocupações de empregos temporários e/ou permanentes |
| | abertura de novas possibilidades e oportunidades de trabalho especializado |
| | promoção e realização de outros eventos |
| | aumento da procura de práticas de atividades físicas por parte de população |
| | saberes e conhecimentos adquiridos |
| | aprendizado do processo de candidatura como, projetos, o |

| | |
|-----------------------------|--|
| Candidatura do evento | processo em si e a organização prévia do evento |
| | planejamento urbanístico da cidade-candidata que poderá ser utilizado pelo Poder Público, independente da realização do evento |
| Legados da Imagem do Brasil | projeção da imagem do país |
| | projeção da imagem da cidade-sede dentro e fora do país, considerada como cultura urbana |
| | projeção de oportunidades econômicas e de serviços que o país poderá oferecer |
| | nacionalismo e confiança cívica, bem como orgulho regional e nacional |
| Legados de governança | planejamento participativo, visando melhoria da qualidade de vida da população |
| | cooperação de diferentes órgãos administrativos |
| | parceria público-privada |
| | liderança do poder público local |

Fonte: TAVARES (2011); MATIAS (2011); TOLEDO, GRIX E BEGA (2015). Org.: da autora (2022).

Como pode-se observar pelo quadro 02 há uma deficiência na constatação de *legados negativos*. A palavra *legado* está constantemente associada a possíveis valores positivos deixados pelos megaeventos, o que nos faz recorrer à distinção entre ‘legados’ e ‘impactos’ descrita por Preuss (2007), a fim de acomodar também o debate de possíveis efeitos negativos na realização de um megaevento (Quadro 03).

Quadro 3 – Sobre Impactos

| Tipo de Impacto | Positivo | Negativo |
|------------------|---|---|
| Físico/ambiental | <ul style="list-style-type: none"> • Construção de novas estruturas • Preservação do patrimônio • Promoção ambiental • Impactos esportivos | <ul style="list-style-type: none"> • Prejuízos ecológicos • Mudanças em processos naturais • Poluição arquitetônica • Destruição do patrimônio • Superlotação • Estruturas não utilizadas (elefantes brancos) |
| Social/cultural | <ul style="list-style-type: none"> • Aumento no nível permanente de interesse local e participação e tipos de atividades relacionadas ao evento • Fortalecimento de valores e tradições regionais | <ul style="list-style-type: none"> • Comercialização de atividades que eram livres • Potencial aumento do crime • Mudanças na estrutura da comunidade • Aburguesamento |

| | | |
|-------------------------|--|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Diminuição local do crime • Aburguesamento • Movimento voluntário mais forte | <ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento social |
| Psicológico | <ul style="list-style-type: none"> • Aumento do orgulho nacional/local e do espírito de comunidade • Aumento da consciência ecológica • Nacionalismo saudável (identificação) • Atmosfera festiva durante o evento | <ul style="list-style-type: none"> • Tendência a atitudes defensivas tratando da região sede • Choque cultural • Manipulação comercial |
| Político/administrativo | <ul style="list-style-type: none"> • Aumento do reconhecimento internacional da região • Desenvolvimento de habilidades entre planejadores, políticos e outros • Entendimento internacional | <ul style="list-style-type: none"> • Exploração econômica da população local / legitimar decisões impopulares • Distorção da real natureza do evento para refletir valores das elites • Inabilidade em atingir os objetivos • Aumento nos custos administrativos • Corrupção |

Fonte: PREUSS (2007, p. 23).

O discurso neoliberal se faz hegemônico e vem suplantar uma realidade concreta que se quer invisibilizar. Dessa forma, em Itaquera, há a reafirmação da distribuição desigual de riqueza na sociedade por meio dos empreendimentos realizados no espaço urbano, sob a justificativa de um legado espacial ao bairro. Sob este discurso, que sustenta a realização do megaevento e garante o apoio das camadas populares, criou-se uma promessa de realização de uma imaginação dominada, um fetiche do tipo de vida que as pessoas querem, mas que na prática se difere do tipo de vida que elas realmente têm. Além disso, a construção da identidade nacional passa por várias mediações e, no caso do Brasil, essa fase intensa de tradições inventadas coincidiu com a rápida difusão do futebol no país (LOPES, 2014), de forma que se tornou oportuno mascarar as contradições da vida cotidiana em nome da realização de um evento voltado ao futebol e de envolvimento nacional.

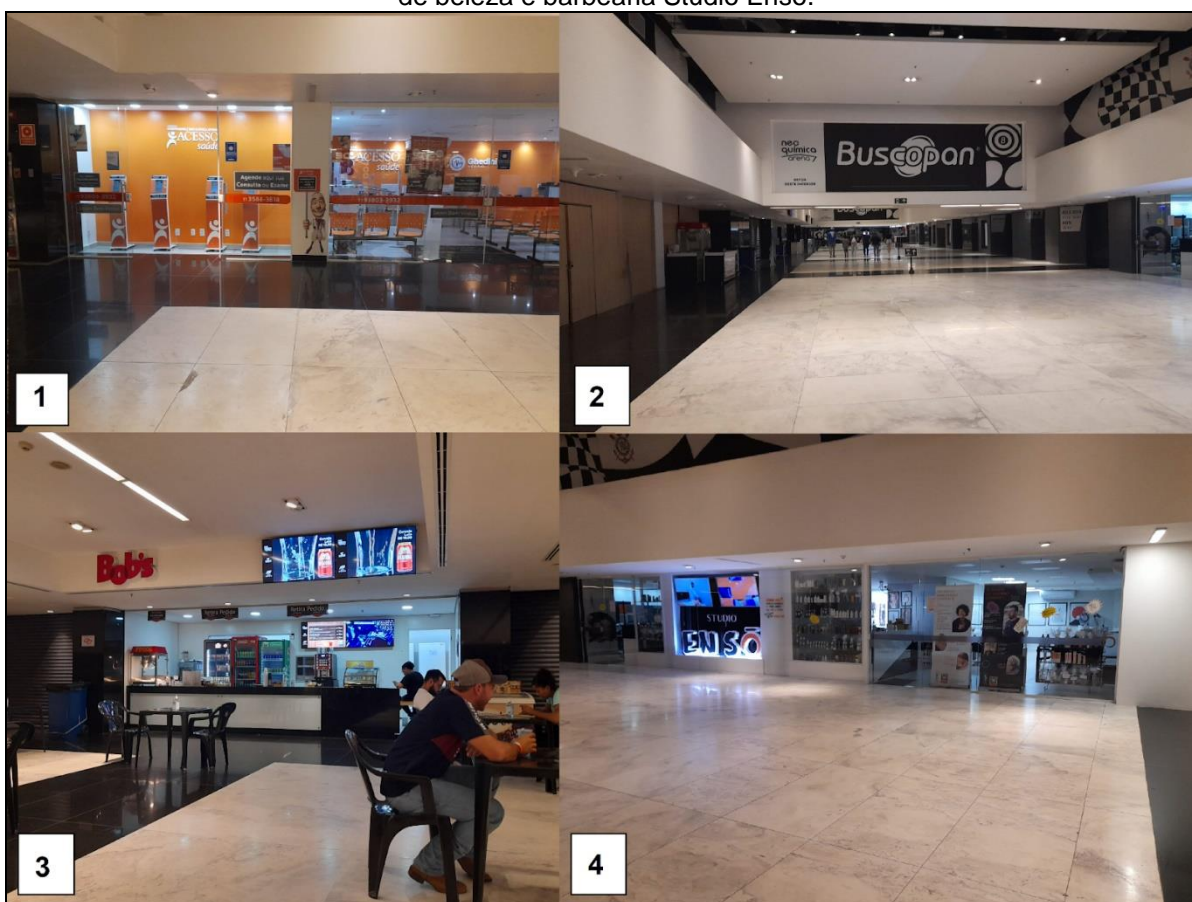
Mas por que o capital gosta tanto de esporte? Esta é a minha teoria. O esporte é tão velho quanto nós. É como treinamos para a caça e para a batalha. É uma de nossas formas de diversão. Para alguns, é parte do ritual de acasalamento... Quando assistimos a esportes, somos mais que meros espectadores. Quando Pelé fez o gol, fui eu que fiz o gol. [...] Quando estamos curtindo o esporte, estamos completamente abertos, vulneráveis. E é assim que o grande capital gosta que estejamos (JENNINGS, 2014, p. 55)

O estádio, se configura em Itaquera, como monumento representativo de uma história coletiva, muito ligada à classe trabalhadora corintiana, que por anos precisou deslocar-se para o outro lado da cidade para ver seu time jogar no Pacaembú. Ao mesmo tempo, sua construção perverte essa história, já que vira um monumento de consumo, um produto simbólico de uma Itaquera de classe média que nunca se verificou (D'ANDREA). Cabe refletir o quanto a população vai usufruir de um espaço elitista imposto em seu bairro e se a sociabilidade que o capital vai oferecer com o shopping, a privatização do espaço, o consumo, é de fato o que satisfaz as necessidades da classe trabalhadora. É a inserção via consumo que vai dispor que as pessoas da periferia possam potencializar suas capacidades humanas?

O estádio conta com um “mini *shopping center*” no seu interior, voltado para atender os visitantes que podem consumir diversos produtos antes e depois dos jogos e das visitas. Além do consumo direto de produtos, a arquitetura do estádio conta com inúmeras fachadas publicitárias, que levam ao consumidor aderir aquela marca inconscientemente (Foto 1).

Foto 1 - Mosaico de fotos da entrada do Neo Química Arena

(1) Agência da ACESSO Saúde Unidade Corinthians/ Neo Química Arena. (2) Propaganda do medicamento Buscopan, da empresa Neo Química. (3) Estabelecimento alimentício Bobs. (4) Salão de beleza e barbearia Studio Enso.



Fonte: Arquivo pessoal. 2022.

Segundo Leite (2015), um ano após a realização do megaevento, dos dez equipamentos previstos, além do estádio, apenas dois foram concluídos: as unidades da Faculdade de Tecnologia (FATEC) e Escola Técnica (ETEC), do governo do estado, e o Parque Linear do Rio Verde, da Prefeitura. Atualmente, pode-se observar que as obras do Senai estão quase finalizadas e o novo terminal de ônibus de Itaquera foi construído em frente a estação do metrô. A Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) também projetada para ser concluída até o megaevento foi inaugurada em 2016, pelo então prefeito Fernando Haddad (Figura 10). Mesmo sendo inaugurada, pode-se perceber que ela ainda não havia sido finalizada, estando cercada por um terreno ainda sem asfalto e sem acabamento. Além disso, as obras viárias feitas antes da Copa para facilitar a ida ao estádio, como a Radial Leste, podem ser consideradas como benfeitorias físicas permanentes no bairro e região, mas, contraditoriamente, ocorreu a valorização imobiliária do bairro com o estádio e o consequente aumento do custo de vida para os moradores da região (RAMOS, 2017).

Figura 10- Mosaico da construção da UPA Itaquera



Fonte: Google Earth, 2014 e 2016. Org.: da autora (2022).

Do ponto de vista urbanístico, os investimentos na região novamente priorizarão a lógica individualista expressa nas vias para automóveis, fundamentalmente ligando o estádio ao aeroporto. Para além da propaganda, essas obras em nada resolverão os problemas estruturais do bairro. Itaquera, assim como toda a zona leste, precisa de mais linhas de metrô, mas isso não foi levado em consideração pelos governantes (D'ANDREA, 2012).

Como coloca Rolnik (2012), a contradição das obras realizadas em prol da Copa do Mundo e que deveriam permanecer como impacto positivo à população que perdura no local após o tsunami gerado pelo megaevento, se dá na medida em que as transformações urbanas não são pensadas a partir das demandas locais, como por exemplo, as demandas de mobilidade e transporte coletivo, mas se usou da Copa

para a implementação desta estratégia. A consequência disso é que ao invés de dar prioridade máxima às regiões onde se concentram maiores parcelas da população que dependem do transporte coletivo, definem-se a localização dos equipamentos relacionados ao megaevento, como estádio, aeroporto e hotelaria e as obras vão fazer ligações entre estes locais, podendo ser ou não percursos que impactam a vida da população trabalhadora local de forma positiva. A experiência paulista, como já discutido, nos mostra que grandes quantidades de dinheiro público foram direcionadas a transformações urbanas pouco relevantes para a vida cotidiana dos moradores de Itaquera que se deslocam diariamente para trabalhar no centro da cidade. Mesmo com tantas obras voltadas à mobilidade urbana, a linha 3-Vermelha do metrô permanece sendo uma das mais lotadas e sobrecarregadas de São Paulo. Numa crítica a escolhas feitas por países pobres e em desenvolvimento como o Brasil, Nobre afirma que:

No intuito de melhorar sua imagem para o mundo e para a população local ou, dito de outro modo, de superar a sua situação precária no *ranking* simbólico das nações e adquirir respeito global, ocultam-se as realidades socioeconômicas e a condição pós-colonial desses países (NOBRE, 2015).

Antes da Copa do Mundo FIFA 2014 a estação Corinthians-Itaquera possuía uma passarela suspensa e descoberta que fazia ligação entre a estação e a Radial Leste sentido bairro, de modo que a população atravessava sem correr riscos entre os automóveis que circulavam. Para o megaevento, essa passarela foi reformada, de forma que passou a ser coberta e a dar acesso direto à Neo Química Arena. Além disso, outra passarela também foi construída ligando a estação Artur Alvim ao estádio (Figura 11 e Foto 2). A partir da Copa do Mundo a passarela que liga as estações ao estádio passou a ser de acesso restrito, de modo que só abre em dias de jogos. Dessa forma, a população trabalhadora que necessita sair da estação Corinthians-Itaquera e atravessar a Radial Leste em direção ao ponto de ônibus é obrigada a fazer a travessia por baixo, pela avenida.

Figura 11- Construção das passarelas de ligação entre as estações de metrô e o estádio



Fonte: Google Earth, 2014. Org.: da autora (2022).

Foto 2 - Passarela que liga a estação Artur Alvim ao estádio



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Do ponto de vista imobiliário, as obras da Copa tiveram grande impacto sobre a região, que começou a se tornar uma aposta para as incorporadoras. Segundo Nobre (2016), os dados do mercado imobiliário levantados pela EMBRAESP³² mostram o crescimento no número de unidades residenciais verticais e também um crescimento do Valor Geral de Vendas (VGV) dos lançamentos imobiliários, muito superiores à média da subprefeitura do município. A Foto 3 demonstra o processo de verticalização em curso que o bairro de Itaquera está passando. As construções de prédios e os valores a eles associados estabelecem relação direta com o monumento do estádio, de forma que os prédios mais próximos à região do estádio e do metrô são mais valorizados e os apartamentos que dão vista para o estádio valem mais.

Tabela 3 - Número de lançamentos residenciais verticais

| Unidades Territoriais | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|-----------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Itaquera | 100 | 265 | 455 | - | 386 | - | 458 | 637 |
| Cidade Líder | 384 | 164 | 1152 | 117 | 254 | 595 | - | - |
| José Bonifácio | - | 125 | 399 | 486 | 156 | - | - | 552 |
| Parque do Carmo | 64 | 38 | 60 | - | 166 | 176 | 137 | - |

Fonte: SÃO PAULO, s.d.

Foto 3 - Verticalização em Itaquera



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

³² Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio

Ao pensar nos impactos da Copa do Mundo e as alterações correntes no espaço urbano de Itaquera também deve-se levar em consideração a história operária do bairro, um lugar de lutas e frentes de resistências de trabalhadores que até hoje buscam por melhorias nas condições de vida na periferia. A forma como as transformações urbanas são planejadas e se realizam é capaz de apagar uma história socialmente edificada e desmobilizar os trabalhadores. Desse modo, é necessário olhar de forma crítica para os apagamentos da memória política do bairro, uma vez que a Copa do Mundo e a transformação de Itaquera em uma imagem agradável ao capital internacional e à FIFA cumprem o papel de dissimular as contradições históricas do bairro.

Que Itaquera também seja daqueles que, com seu suor, história e lutas, edificaram o bairro. Grande parte dos moradores da região está sendo induzida por uma forte propaganda midiática a apoiar um projeto de cidade e sociedade que não é o seu. Desvelar esse equívoco contribui para que a população periférica formule seu próprio projeto. Para começar, o morador do bairro é quem deveria deter o *naming rights* do estádio, que poderia se chamar Mártires de Itaquera, em memória dos mortos de sua história (D'ANDREA, 2012).

A produção do espaço e a materialização das contradições sociais, entretanto, não omitem a segregação socioespacial produzida pela realização do megaevento. A Foto 4 mostra de um lado da Radial Leste o esplêndido e monumental estádio construído e financiado por meio de cofres públicos e PPPs e, do outro, casas residenciais humildes e de classe média baixa.

Foto 4 - Mosaico: Neo Química Arena (1) e casas residenciais (2 e 3) do outro lado da Radial Leste



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Ao que parece, o principal legado deixado pela Copa do Mundo FIFA 2014 em Itaquera é a abertura e o impulso para um novo ciclo de produção e gestão da cidade, reforçando grandes projetos urbanos segmentados, fortemente balizados por corporações empresariais, que buscam cada vez menos atender às necessidades da população local, na produção de um espaço e de uma identidade falsa. Assim, “desencadeia-se uma lógica de evocação que mais funciona como uma anti memória coletiva que esconde as marcas do tempo, reprime as metamorfoses do espaço e acarreta uma redução ao idêntico” (SÁNCHEZ E MOURA, 1999, p. 108).

Considera-se que

[...] os incentivos fiscais dados pelo Governo Municipal, na ordem de R\$ 420 milhões, para a construção do estádio correspondem a uma grande renúncia fiscal, que poderia ter sido direcionada para a atração de outras atividades econômicas com maior poder de geração de empregos ou na implementação de infraestrutura ou equipamentos públicos na região (NOBRE, 2016, p. 381).

Em 2010, surge a ANCOP como uma organização civil de caráter denunciante do projeto elitista excludente que estava em pauta sobre as cidades-sedes da Copa do Mundo. A crítica feita pela ANCOP se orientava a apontar a descaracterização e a negação do direito à cidade em nome de projetos a favor do capital, fazendo clara oposição às construtoras que enriqueceram por meio da especulação imobiliária, isenção de impostos e da mídia, que teve papel importante ao se alinhar aos interesses do capital e não fomentar discussões em relação às violações de direitos humanos e da formação do estado de exceção (MARANGONI, 2017). Em um de seus dossiês, a ANCOP retrata muito bem a situação em que se encontra a população de Itaquera frente aos projetos urbanísticos vigentes na época. A exemplificação feita pelo documento é essencial para que se pense o tipo de legado deixado por situações tão conflituosas entre os interesses capitalistas e populações de baixa renda.

Em São Paulo, um plano alternativo mudou os rumos de uma comunidade ao lado do Itaquerao. Localizada em Itaquera, região leste, a Comunidade da Paz ocupa um terreno de propriedade pública, pertencente à Companhia de Habitação de São Paulo – COHAB-SP. A comunidade é constituída por aproximadamente 370 famílias, segundo levantamento cadastral realizado pela Prefeitura em setembro de 2013. Essa área está ocupada pelos moradores há pelo menos 20 anos, constituindo-se em precárias moradias de população de baixa renda. A comunidade está a cerca de 1 km do metrô Itaquera e do estádio que sediou os jogos da Copa do Mundo de 2014 em São Paulo. Além do estádio, nos últimos anos o poder público vem dando incentivos fiscais para empresas se localizarem na região e implementando diversos projetos, dentre os quais, destacam-se a criação de um Pólo Institucional no entorno do metrô e do estádio, um parque linear e a Operação Urbana Jacu-Pêssego. Além disso, também foram implementados equipamentos comerciais como shoppings, hipermercados e grandes redes de magazine na região. O distrito de Itaquera, e particularmente o entorno do terminal de metrô, é exemplar desse novo contexto. Apesar do discurso de que estes investimentos trariam desenvolvimento da zona leste, o que se viu foi um intenso processo de valorização imobiliária que inviabiliza a permanência das famílias mais pobres na região e as obriga a migrar para regiões “mais baratas”, ou seja, mais distantes, desprovidos de infraestrutura, equipamentos e serviços públicos e privados em geral. Além desse processo de expulsão pelo mercado, chamado “remoção branca”, há outras formas mais ostensivas de expulsão. As favelas da região, especialmente a Favela da Paz, passaram a sofrer ameaças de remoção. Essas comunidades representam uma espécie de empecilho para o “desenvolvimento”, “enfeiam” a paisagem e, sob a ótica do mercado, desvalorizam a região e prejudicam o sucesso dos futuros empreendimentos. (ANCOP, 2014, p. 29).

Desse modo, ao estimular a reinvenção da cidade e sua inserção mundial por meio dos megaeventos e de grandes projetos urbanos contribui-se para potencializar

a desigualdade já existente na cidade, de modo que as receitas públicas e as políticas sociais ficam diretamente comprometidas (SÁNCHEZ, 2012). Deve-se compreender que as cidades exemplificam distintas combinações do neoliberalismo e distintas combinações de opulência para alguns e profunda pobreza para todos os outros. Está em pauta uma clara e irredutível oposição entre a eficiência econômica e a eficácia social (VAINER, 2011).

A realização de empreendimentos urbanos voltados aos megaeventos leva a uma tendência de homogeneização das cidades, ocultando os conflitos do espaço. Essa homogeneização se dá através de pequenos fragmentos do espaço, em uma lógica dialética entre homogeneização e fragmentação (ALVES, 2019). A realização da Copa do Mundo aprofunda uma hierarquização entre os fragmentos espaciais de Itaquera e entre Itaquera e o restante da cidade, de forma que a alguns lugares são atribuídos mais valor que a outros. Itaquera se encontra num contexto de precarização dos equipamentos públicos essenciais à vida cotidiana, como sucateamento de escolas e dos equipamentos de saúde e mobilidade urbana comprometida com a alta demanda da região. Embora seja um lugar com um certo nível de precariedade econômica, é também lugar de complexidade cultural e de produção de um espaço diverso e marcado pelas vivências de cada habitante.

[...] este projeto de cidade implica a direta e imediata apropriação da cidade por interesses empresariais globalizados e depende, em grande medida, do banimento da política e da eliminação do conflito e das condições de exercício da cidadania. Subjacente ao exercício analítico está a intenção de discutir se, e até que ponto, é aceitável a postulação dos propugnadores do planejamento estratégico urbano de que sua adoção seria o único meio eficaz para fazer frente às novas condições impostas pela globalização às cidades e aos poderes locais (Vainer, 2000, p. 78)

Assim, se por um lado Itaquera é concebida enquanto sede da abertura da Copa do Mundo e palco internacional do futebol, por outro, está permeada de subversão, vida social e luta. Portanto, é também lugar da prática social, reprodução da vida e da articulação entre as relações sociais e a materialidade da cidade.

[...] a prática social resulta do embate entre o que é concebido e o que é vivido, mas tendencialmente na sociedade moderna, a dimensão do vivido, no cotidiano, a partir da relação com o concebido, adéqua-se a normas, códigos, símbolos, não necessariamente de forma plena, às vezes com pequenas subversões, mas sem ter força suficiente para uma mudança revolucionária (ALVES, 2019, p. 560).

Por fim, passados oito anos da Copa do Mundo FIFA 2014 e da promessa de inúmeros legados positivos à população, cabe a nós abrir espaço para o que a população de Itaquera pensa sobre a realização de um megaevento no bairro. Quais

as principais lembranças? Houve impactos positivos ou negativos? Os valores até aqui atribuídos às transformações urbanas partem de uma visão “de fora” do bairro, é o espaço concebido e analisado nas referências bibliográficas utilizadas e pelo esforço de análise desta pesquisa. Um bairro não tem um único papel e para os moradores da região, ele é o lugar da reprodução da vida, lugar da vida cotidiana. Assim, embora as entrevistas realizadas durante esta pesquisa não tenham caráter amostral, entram em sintonia sobre este ponto: o conjunto de empreendimento é entregue à população e é inserido em sua rotina. O quadro 4 elenca as principais impressões dos entrevistados em quatro categorias: no que diz respeito às mudanças na rotina do morador durante as obras da Copa, os fatos que mais o marcaram neste período, os benefícios e malefícios identificados para o bairro.

Quadro 4- Impressões dos moradores entrevistados sobre o megaevento esportivo

| Respondentes | Mudanças na rotina e Fatos marcantes | Benefícios para o bairro | Malefícios para o bairro |
|---------------------|---|--|--|
| 01 | <i>...melhorou em certo aspecto a locomoção por carro, e apenas isso</i> | <i>A construção do elevador</i> | <i>As melhorias não foram reais, e estavam servindo ao propósito sobretudo de receber jogos da copa. O entorno continua até hoje com um padrão de vida muito baixo.</i> |
| 02 | <i>Lembro que o metrô e o shopping Itaquera, locais que frequento quase diariamente, tiveram sua rotina de funcionamento atingida. (...) O foco da mídia na periferia, me recordo da forma que a região ganhou voz na televisão.</i> | <i>houve uma maior valorização das áreas de comércio, gerando mais emprego para as pessoas que residem próximo</i> | <i>As vias foram projetadas para interligar o estádio, atualmente frequento a região todos os dias e a forma com que os bairros estão segmentados deixa evidente que as demais ruas e avenidas estão sobrecarregadas, não existe muito investimento nas demais áreas.</i> |
| 03 | <i>A notícia sobre a morte de um operário durante a execução da obra. Lembro de uma grande mobilização do poder público para "melhorar" a aparência do bairro, principalmente do centro de Itaquera, também lembro de familiares e conhecidos sonhando em abrir comércios no centro do bairro, com a ideia de</i> | <i>As obras de infraestrutura e mobilização realizadas continuam de pé, assim como a colocação do shopping Itaquera e do comércio do bairro no mapa de SP.</i> | <i>não houve interesse em trazer medidas efetivas de longo prazo, por meio de políticas públicas, para a problemática da infraestrutura (ainda ocorrem muitas enchentes no centro do bairro, por exemplo) e da habitação (caso passe nos arredores do estágio hoje, vai perceber um grande número de pessoas em situação de rua,</i> |

| | | | |
|----|---|---|---|
| | <i>que o lucro viria alto com a Copa 2014 e de outros discutindo que o preço do aluguel iria aumentar por conta do estádio.</i> | | <i>acomodadas em casas de madeira e barracas). Ou seja, houve um falso embelezamento a fim de aquecer o turismo na Copa, seguido por um abandono do bairro após o fim desta.</i> |
| 04 | <i>O trânsito de ônibus e lotações no trajeto de casa até o metrô era insano. Muitas vezes as pessoas pediam para descer antes e iam aquelas multidões pela calçada até chegar ao metrô. Isso melhorou muito no acesso dos entornos após as obras nas vias e acessos.</i> | <i>O fator de movimento em dias de jogos acredito que possa ser bom para o comércio na região, inclusive para o pessoal que monta as barraquinhas no calçadão, comidas, camisetas etc. E também achei que melhorou muito o acesso ao metrô em relação à antes, considerando as incontáveis manhãs estressantes com aquelas filas imensas de ônibus que se enfrentavam... não percebi melhorias mais significativas no bairro como um todo, somente melhorias nas proximidades [do estádio] mesmo.</i> | <i>Em dias de jogos o movimento na estação do metrô e terminal fica muito intenso. O que às vezes é cansativo para quando se volta do trabalho.</i> |
| 05 | <i>O nível de "interesse" do governo para mostrar aos outros países que existe um estádio em uma área mais "simples/ de periferia". Os transportes foram obrigados a "estarem melhor" para acompanhar o "crescimento" da região.</i> | <i>Houve melhorias na avenida Tiquatira como aumento de estabelecimento comercial e construção de residencial de alvenaria. Antigamente era mais favela e barracos.</i> | <i>Depois da construção esta área passou a inundar.</i> |
| 06 | <i>houve uma maior movimentação de carros na região e construção de casas e comércio nas imediações.</i> | <i>A expansão do terminal rodoviário do metrô Itaquera.</i> | <i>Não vejo nenhum benefício, pelo contrário, na época da copa eles fantasiavam muito o bairro, pintando todos os prédios, casas, comércios em questão, para mostrar como o bairro era vitalizado e hoje está o maior descaso, tanto que não muito longe o bairro de "Artur Alvim" está completamente</i> |

| | | | |
|----|---|---|---|
| | | | abandonado pela prefeitura. |
| 07 | <i>Antes era um morro que tinha vários eventos de reggae/soundsystem</i> | <i>Cobertura na rampa da patriarca</i> | <i>Quando foi construído o complexo do novo estádio, houve promessas de desenvolvimento urbanístico e econômico para Itaquera. Isso não ocorreu</i> |
| 08 | <i>Eu lembro da promessa da geração de oportunidades na região, pois lá seriam criadas escolas técnicas e trariam para a região empresas que geram emprego.</i> | <i>Além das obras de infraestrutura rodoviária, a copa chamou a atenção de investidores que abriram lojas que antes não tinham no terminal de ônibus, além da instalação da Etec Itaquera e uma AMA. Também dá pra citar a contribuição artística, com um muro quilométrico todo grafitado.</i> | <i>Retirada das pessoas que residiam no entorno, término dos eventos populares que ali ocorriam, muito trânsito no local em dias de jogos</i> |
| 09 | <i>Os protestos durante a construção do estádio e as obras no entorno. A promessa de melhoria para o bairro, que nunca chegou. Os despejos na favela da paz. O caos causado pelos problemas no transporte público ao mesmo tempo em que a gente via um templo (estádio) sendo construído com dinheiro público. Na época da construção, eu morava na Cidade Tiradentes. Logo depois, me mudei para Guaianazes. Extremo leste que não se beneficiou de nada da construção do estádio. Pelo contrário. Além de parecer que o senso comum e o governo considerava como extremo leste o Distrito de Itaquera, focando as ações unicamente para aquela área sem pensar no entorno, a gente ouvia de pessoas que saíam de suas moradias em Itaquera e iam para mais leste ainda. Havia uma época</i> | <i>A faculdade criada próxima ao estádio. Mais tarde veio o posto de saúde. Muito depois, a região teve um aumento de empregos e o terminal de ônibus cresceu. Mas benefício concreto, direto, só mesmo um espaço para os amantes de futebol.</i> | <i>Pra quem mora de aluguel na região, o valor ficou muito mais alto</i> |

| | | | |
|--|---|--|--|
| | <i>em que andar pelo centro de Itaquera e pelo entorno da estação era menos perigoso também, mas não sei dizer exatamente o motivo.</i> | | |
|--|---|--|--|

Fonte: elaborada pela autora a partir do questionário aplicado, 2022.

As principais melhorias para a população local parecem ter sido na área de mobilidade urbana, ainda que tenha sido relatado que a prioridade das obras se voltou à locomoção por meio de automóveis. Além disso, muitos moradores pontuaram que a realização da Copa trouxe consigo investimentos para o Polo Institucional Itaquera, como já citado, envolvendo a construção de equipamentos de saúde e educação. Um dos relatos reforça a discussão da criação de uma nova centralidade criada a partir do estádio. Itaquera se constitui enquanto centralidade da Zona Leste, mudando sua relação com São Paulo e com a própria ZL. As alterações na rotina da população, as modificações dos acessos exclusivos ao estádio e a falta de benefícios a longo prazo fortalecem a percepção de que a realização do megaevento não se voltou para a população local ou para a real efetivação de um legado para a região, mas sim ao capital especulativo e ao empresariamento urbano.

Ao que nos parece, o que se tem em Itaquera é a continuidade da presença seletiva de investimentos e ausência do Estado. Dessa forma, os megaeventos não parecem possuir qualquer elemento que contribua no processo de emancipação política dos trabalhadores (PENNA, 2013) sendo principais instrumentos da continuidade de um modelo neoliberal de produção das cidades, que nega o passado de lutas que produziram o espaço e submete a população a trabalhos cada vez mais precarizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na pesquisa indicam que os megaeventos são ritos que reforçam a hierarquia e a sociedade de classes existentes, ao invés de desafiá-las. Enquanto ritual, enfatiza discursos hegemônicos e muda o *status* da cidade que o sedia. A produção da cidade através dos megaeventos obedece a uma lógica neoliberal que nega o direito à cidade. As operações urbanas consorciadas estabelecem a formação de uma cidade de exceção, onde as seguridades sociais garantidas pela lei são postas de lado a favor do capital.

A realização de um megaevento constitui-se como oportunidade perfeita para a reprodução do capital por meio da cidade, uma vez que alicerça um plano urbano de destruição e reconstrução, baseado em parcerias público-privadas, onde a presença do Estado se faz fundamental na concessão de incentivos fiscais e financeiros assim como na flexibilização das normas. A Copa do Mundo mostra-se mais como uma oportunidade para o Estado e agentes do mercado do que para o povo.

Ao refletir sobre Itaquera, nos deparamos com a construção quase monumental de um novo estádio que define na Zona Leste uma nova centralidade. A morfologia desta nova centralidade nos ajuda a compreender os processos de produção do espaço em curso na região, como por exemplo o alto número de lançamentos imobiliários verticais em Cidade Líder, distrito mais próximo desta nova centralidade. Embora parte das transformações urbanas realizadas no período de preparação da cidade para o megaevento fossem de desejo da população, a crítica apresentada neste trabalho recai sobre um *modus operandi* segundo o qual a produção coletiva de um espaço mais justo e mais acessível para a população efetivamente não se realiza.

Acerca dos impactos do megaevento e da produção do espaço em Itaquera, constatamos a carência de literatura sobre esse processo, ao passo que os textos sobre a urbanização da cidade de São Paulo se concentram em explicar a formação socioespacial do chamado centro expandido da cidade (OLIVEIRA, 2016). Além disso, acredita-se que este trabalho não deu conta de suprir todos os caminhos de investigação que possam iluminar o papel dos megaeventos e da FIFA na produção do espaço, sendo possível no futuro investigar mais profundamente o papel da FIFA, das legislações brasileiras nos três níveis de poder, a questão de gênero no futebol e

nas Copas do Mundo e das torcidas organizadas na produção do espaço ao redor de seus estádios, entre outros.

Por fim, esperamos que este trabalho contribua para compreender de maneira crítica o processo de produção do espaço em pauta desde a década de 1990, pautado nas concepções neoliberais de reprodução do capital sobre o espaço urbano e para se pensar uma maneira mais justa de promover transformações urbanas, partindo das necessidades locais da população e não dos interesses do capital. Acerca dos megaeventos esportivos, entendemos que as estratégias utilizadas para sua realização se modificam muito rapidamente e acompanham os interesses capitalistas de reprodução do capital. Assim, cabe a nós olhar para os próximos megaeventos a serem realizados levando em consideração o saldo final encarado pela população brasileira desde o fim dos megaeventos esportivos já realizados.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. Estado de exceção e genealogia do poder – DOI: 10.9732/P.0034-7191.2014v108p21. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 108, p. 21-40, 30 jun. 2014.
- ALFONSIN, Betânia de Moraes. Resgatando o processo de preparação da Copa de 2014 em Porto Alegre e problematizando os “legados”. In: SOARES, Paulo Roberto Rodrigues [org.]. **Porto Alegre: os impactos da Copa do Mundo 2014** – Porto Alegre: Deriva, 2015, p. 237-254.
- ALVAREZ, Isabel Pinto. A noção de mobilização do espaço em Henri Lefebvre. **GEOUSP Espaço E Tempo (Online)**, v. 23, n. 3, p. 494-505, 2019.
- ALVES, G. A. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **Ge USP – Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 3, p. 551-563, dez. 2019, ISSN 2179-0892.
- ANCOP. Dossiê: Megaeventos e violações dos direitos no Brasil: articulação nacional dos Comitês Populares da Copa e Olimpíadas. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/ancop_dossie2014_web_bollbrasil.pdf. Acesso em: 31 jul. 2022.
- ARANTES, Otilia. Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas. **São Paulo: Annablume**, 2012.
- AZEVEDO, Aroldo Edgard de. **Subúrbios orientais de São Paulo**. Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil. São Paulo, FFCL/USP, 1945.
- AZEVEDO, Aroldo Edgard de. **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana**. Brasileira, 1958.
- BRASIL. Casa Civil. Lei Geral da Copa. Lei 12.663 de 5 de junho de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12663.htm. Acesso em: 03 jun. 2022.
- CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do espaço. *Revista Geografia e Ensino*, Belo Horizonte, MG, v. 8, n. 1, 2002. p. 47-56.
- CARLOS, Ana Fani. A reprodução da cidade como negócio. In: CARLOS, A.F.; CARRERAS, Carles (orgs). **Urbanização e mundialização**. Estudos sobre a metrópole. 2005, p. 29-37.
- CARLOS, A. F. A. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”. *Revista Direito e Práxis*, v. 11, p. 349-369, 2020.
- COSTA, Giuliana. Sedar megaeventos esportivos vale à pena?. **O Social em Questão**, n. 29, p. 159-178, 2013.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Desenvolvimento geográfico desigual e turismo na escala urbana: o caso de São Paulo. In: *A economia política do turismo e a*

- dialética do desenvolvimento geográfico desigual no Brasil. Tese de Livre-Docência em Geografia, FFLCH/USP, 2019.
- CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, n. 40, p. 65-88, 2013.
- DAMIANI, Amélia Luisa. Cidade (des) ordenada: concepção e cotidiano do conjunto habitacional itaquera i. 1993. **Tese (Doutorado)** - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. . Acesso em: 25 jun. 2022.
- DAMIANI, Amélia Luisa. A cidade (des) ordenada. **Boletim paulista de Geografia**, n. 72, p. 95-110, 1994.
- DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 19-63, 2013.
- D'ANDREA, Tiarajú. Copa do mundo de 2014: reconfiguração urbana e controle social em são paulo. In: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. **Asociación Latinoamericana de Sociología**, 2009.
- D'ANDREA, Tiarajú. Itaquera, muito além da Copa do Mundo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 57, 2012.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-18062013-095304. Acesso em: 2022-07-31.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. Café Filosófico CPFL. A cidade que queremos | Com Carolina Freitas e Tiaraju Pablo D'andrea. YouTube, 5 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S-Htr8ly9fg>>. Acesso em 1 ago. 2022.
- DE OLIVEIRA, Filipe Vieira. Urbanização e formação socioespacial da Zona Leste da cidade de São Paulo: aspectos históricos e forma urbana. **arq. urb**, n. 17, p. 4-21, 2016.
- FARIAS, Tadeu M.; DINIZ, Raquel Farias. Cidades neoliberais e direito à cidade: outra visão do urbano para a psicologia. **Revista Psicologia Política**, v. 18, n. 42, p. 281-294, 2018.
- FERREIRA, J. S. W. Um teatro milionário. In: JENNINGS, Andrew et al. Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?. Boitempo Editorial, 2014.
- FIRMINO, Rodrigo José. (2017). Securitização, vigilância e territorialização em espaços públicos na cidade neoliberal. **Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online)**, 15(1), 23-35. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v15i1p23-35>.
- FRONCILLO, Adriano V.; ALMEIDA, Marco AB. Análises sociais do impacto da construção do estádio do Corinthians para Itaquera. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 18, n. 179, p. 1-1, 2013.

- GEISE, Carolina. ST2-1068 DISCURSO E IDEOLOGIA NO PLANEJAMENTO URBANO ESTRATÉGICO. ZONA LESTE E A COPA DO MUNDO EM ITAQUERA COMO ESTUDO DE CASO. **Anais ENANPUR**, v. 15, n. 1, 2013.
- HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). **Sports Mega-Events: social scientific analyses of a global phenomenon**. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplement s2, December 2006. p. 59-70
- HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & debates**, v. 16, n. 39, p. 48-64, 1996
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David *et al.* **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Boitempo Editorial, 2015.
- HARVEY, David. A loucura da razão econômica. In: HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 171-202.
- JENNINGS, Andrew. A máfia dos esportes e o capitalismo global. In: JENNINGS, Andrew *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas, 2014**, p. 51-56
- LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Basil Blackwell, 1991.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2008.
- LEITE, Fábio. Legado da Copa em Itaquera fica no papel. **EstadãoOnline**. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,legado-da-copa-em-itaquera-fica-no-papel,1704728>>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- LOPES, José Sérgio Leite. Transformações na identidade nacional construída através do futebol: lições de duas derrotas históricas. In: JENNINGS, Andrew *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas, 2014**, p. 41-50.
- LUCHIARI, Maria Tereza DP. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz. **Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turístico**. Fortaleza: UECE, p. 15-29, 1998.
- MAGALHÃES, Felipe Nunes Coelho. A dimensão simbólica na cidade neoliberal: notas sobre a construção de subjetividades na produção social do espaço do neoliberalismo. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 17, n. 1, p. 11-22, 2015.
- MARANGONI, Cecília Stephilly. O saldo da Copa do Mundo: os impactos sociais da renovação urbana em Itaquera-São Paulo. 2017. **Dissertação de Mestrado (Geografia Humana)**, UNESP/Franca, SP. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/150893>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

- MARICATO, Ermínia. A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana. In: JENNINGS, Andrew et al. **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas**, 2014, p. 17-24.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Barcelona–1992: um modelo em questão**. Brasília, 2008, p. 189, 2008.
- MASCARENHAS, Gilmar. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 14, n. 1, p. 52-65, 2014.
- MATIAS, Marlene (Ed.). **Planejamento, Organização e sustentabilidade em eventos: Culturais, sociais e esportivos**. Editora Manole, 2011.
- MOLINA, Fábio S. Os megaeventos e produção do espaço urbano no Rio de Janeiro: da “Paris dos Trópicos” à “Cidade Olímpica”. 2013. **Tese de Doutorado (Geografia Humana)**, FFLCH/USP. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-10042013-105124/publico/2013_FabioSilveiraMolina_VCorr1.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2022.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec; Polis, 1984.
- MONBEIG, Pierre. O Crescimento da Cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org.) **História Econômica da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Globo, 2004, p. 17-113.
- MOREIRA, Mariana Caetano Ramos; GÓMEZ, José Maria. **Rio, cidade aberta: a (re)produção do espaço urbano global subdesenvolvido via megaeventos**. Rio de Janeiro, 2014. 141 p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- MOURA, Rosa. O complexo diálogo entre o urbano e o regional. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, 4(2), pp. 5-26, 2016. Disponível em <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/5654/pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- NOBRE, Eduardo Alberto Cusce. Megaeventos esportivos e desenvolvimento local: os impactos da copa do mundo da FIFA de 2014 na Zona Leste de São Paulo. In: VAINER, Carlos *et al.* **Os megaeventos e a cidade: perspectivas críticas**, 2016, p. 360-388.
- NOBRE, Eduardo Alberto Cusce. **Do plano diretor às operações urbanas consorciadas: a ascensão do discurso neoliberal e dos grandes projetos urbanos no planejamento paulistano**. 2018. Tese (Livre Docência em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.16.2018.tde-27012022-090358. Acesso em: 2022-06-03.
- NOVAIS, P.; LEAL, F. Chamada para o Seminário “Repensando as Políticas Públicas e a Ação na Cidade”. **Comissão de Assuntos Urbanos da Câmara Municipal do Rio de Janeiro/IPPUR**, 1999.

- OLIVEIRA, Filipe Vieira de. Itaquera para quem? Projetos urbanos e mudanças socioespaciais na periferia de São Paulo. 2015. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, Filipe Vieira de. Urbanização e formação socioespacial da Zona Leste da cidade de São Paulo: Aspectos históricos e forma urbana. **Arq.urb**, [S.l.], n. 17, p. 4-21, 2016. Disponível em: <<https://www.revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/169>>. Acesso em 5 set. 2022.
- PENNA, Adriana. Megaeventos esportivos no Brasil: raias abertas para a corrida do capital. **O Social em Questão**, n. 29, p. 209-234, 2013.
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. Cidade de São Paulo - Subprefeituras, 2022. Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- PRIETO, G. F. T.; LACZYNSKI, P. São Paulo à venda: ultraneoliberalismo urbano, privatização e acumulação de capital (2017-2020). **GEOSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 243-261, 2020. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2020.168529. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/168529>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- RAMALHOSO, Wellington. **Destino Itaquera: o metrô rumo aos conjuntos habitacionais da COHAB-SP**. São Carlos: Dissertação de Mestrado: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - Campus São Carlos, 2013.
- RAMALHOSO, Wellington. Destino Itaquera: o metrô rumo aos conjuntos habitacionais da COHAB-SP. **Arquitecturas de Estado**, p. 114, 2020.
- RAMOS, Savanna da Rosa. A Copa do Mundo FIFA 2014 e as transformações espaciais em Itaquera - São Paulo/SP. 2017. **(Seminário)**. In: ALVES, Suely Rodrigues. II Seminário Internacional América Latina: Políticas e conflitos contemporâneos, p. 3797-3811, 2017.
- RAMOS, Savanna da Rosa. Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil: da regulação do território às ações voltadas ao turismo. 2019. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.
- REDE NOSSA SÃO PAULO. Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis, 2022. Itaquera, São Paulo. Disponível em <<https://www.redesocialdecidades.org.br/br/SP/sao-paulo/regiao/+itaquera/>>. Acesso em 28 jun. 2022.
- ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR, Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole**, n. 06, p. 43-66, 2001.
- ROLNIK, R. Coisas nada civilizadas ocorrem quando um país prepara um megaevento. **Entrevista. Revista Adusp**, São Paulo, SP, n. 52, 2012. p. 06-

13. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/revista-adusp/1430-revista-n-52-abril-de-2012>>. Acesso em: 04 mai. 2022.
- ROLNIK, Raquel. 10 anos do Estatuto da Cidade: das lutas pela Reforma Urbana às cidades da Copa do Mundo. **Quem planeja o território? Atores, arenas e estratégias**, 2012b
- ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. 3 ed. São Paulo: Publifolha, 2014.
- SÁNCHEZ, Fernanda; MOURA, Rosa. Cidades-modelo: espelhos de virtude ou reprodução do mesmo. **Cadernos Ippur**, v. 13, n. 2, p. 95-114, 1999.
- SÁNCHEZ, Fernanda *et al.* Produção de sentido e produção de espaço: convergências discursivas nos grandes projetos urbanos. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 107, p. 39-56, 2004.
- SÁNCHEZ, Fernanda. A “cidade olímpica” e sua [in]sustentabilidade. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 58, 2012.
- SÁNCHEZ, Fernanda *et al.* (Ed.). **A Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências**. Editora da UFF, 2014.
- SÃO PAULO (CIDADE). Polo Institucional Itaquera: diretrizes de projeto urbanístico. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano**. São Paulo. 2012.
- SÃO PAULO (CIDADE). Infocidade: Mercado Imobiliário: Tabelas. **Infocid@de**, s. d. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/info_cidade/mercado_imobiliario/>. Acesso em 1 ago. 2022.
- SÃO PAULO. **Lei nº 14.654**, de 13 de dezembro de 2007 – Dispõe sobre o Programa de Incentivos Seletivos para regiões da Zona Leste do Município de São Paulo.
- SCOTT *et al.* Planejando, executando, mitigando: disputas em diferentes tempos na construção da Arena Pernambuco para a Copa do Mundo. In: DE OLIVEIRA, Fabrício Leal *et al.* **Os megaeventos e a cidade—Perspectivas e críticas**. Letra Capital Editora LTDA, 2016, p. 334-359.
- SMITH, Neil. As Cidades após o Neoliberalismo?. **Revista Continentes (UFRRJ)**, ano 6, n. 10, p. 88-107, 2017.
- SOUTO MAIOR, Jorge Luiz. Lei Geral da Copa: explicitação do estado de exceção permanente. In: JENNINGS, Andrew *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas**, 2014, p. 33-39.
- SOUZA, Angela Maria Gordilho. Urbanismo neoliberal, gestão corporativa e o direito à cidade: impactos e tensões recentes nas cidades brasileiras. **Cadernos Metrópole**, v. 20, p. 245-265, 2018.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Alguns aspectos da dinâmica recente da urbanização brasileira. In: FERNANDES, Edésio & VALENÇA, Márcio (Orgs). **Brasil Urbano**, RJ: Mauad, 2004, pp. 75-92.

- TAVARES, Otavio. Megaeventos esportivos. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 17, n. 3, p. 11-35, 2011.
- TOLEDO, Renata Maria; GRIX, Jonathan; BEGA, Maria Tarcisa Silva. Megaeventos esportivos e seus legados: uma análise dos efeitos institucionais da eleição do Brasil como país-sede. **Revista de Sociologia e Política**, v. 23, p. 21-44, 2015.
- VAINER, Carlos B. Cidade de Exceção: Reflexões a Partir do Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano (**ANPUR**), vol. 14, 2011.
- VAINER, C. Como serão nossas cidades após a Copa e as Olimpíadas?. In: JENNINGS, Andrew et al. **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?**. Boitempo Editorial, 2014.
- VALE, Mário. Globalização e competitividade das cidades: uma crítica teórica na perspectiva da política urbana. **Geophilia. O Sentir e os Sentidos da Geografia, Centro de Estudos Geográficos**, Lisboa, p. 465-474, 2007.
- VASCONCELOS, Daniel Bruno. A Copa do Mundo de 2014 na cidade de São Paulo: as transformações na estrutura urbana de Itaquera. 2015. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.
- ZANOTELLI, Cláudio Luiz. A cidade neoliberal no Brasil de uma perspectiva foucaultiana. **GEOUSP**, v. 25, n.3, e-172194, dez. 2021. ISSN 2179-0892

ANEXO A – Formulário de entrevistas

| Desdobramentos da Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera, SP |
|---|
| <p>Olá, moradores do bairro de Itaquera e região. Tudo bem?</p> <p>Meu nome é Jaqueline F. Baumgaertner, sou estudante de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP). Elaborei esse questionário como parte da minha pesquisa de conclusão de curso em Geografia (TCC), que tem o título de: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO A PARTIR DOS MEGAEVENTOS: desdobramentos da Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera-SP. Esta pesquisa está sendo orientada pela Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz, também do Departamento de Geografia da USP.</p> <p>O meu trabalho tem como objetivo analisar o processo de constituição do espaço urbano ligado a megaeventos a partir do estudo de caso do bairro de Itaquera, São Paulo, e assim resgatar a memória política do território, a fim de compreender as implicações e os desdobramentos de contradições espaciais geradas nesse processo.</p> <p>Neste sentido, escolhi buscar compreender o processo de produção e alteração do espaço também sob a ótica dos moradores de Itaquera e, por isso, a realização das entrevistas é fundamental.</p> <p>Muito obrigada pelo tempo, a participação de vocês será uma ajuda imensa nesse processo e uma ótima oportunidade para eu aprender mais sobre Itaquera e suas transformações com a Copa do Mundo FIFA 2014.</p> <p>Qualquer dúvida ou sugestão, estarei à disposição pelo e-mail jbaumgaertner@usp.br</p> <p>Abraços, Jaqueline.</p> |
| E-mail ou telefone para contato: |
| Nome completo: |
| Idade: |
| Você reside no bairro de Itaquera? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> OUTRO: |
| Há quantos anos você reside em Itaquera ou nas proximidades? |
| Você se lembra da construção do estádio do Corinthians, hoje chamado de Neo Química Arena? |
| O que mais te marcou nesse período? O que mudou na sua rotina? |
| Você já visitou o estádio? |
| Caso nunca tenha visitado, qual seria o motivo? |
| Ainda vem muitos turistas atualmente? |
| Você identifica algum malefício da Copa do Mundo FIFA para o bairro? Se sim, qual? |
| Você identifica algum benefício da Copa do Mundo FIFA para o bairro? Se sim, qual? |